

# AHJB



**Educação Judaica no Brasil**

# NÓS GUARDAMOS A MEMÓRIA DA COMUNIDADE JUDAICA. INCLUSIVE A DESTE CASAL.



Rabino Prof. Dr. Fritz Pinkuss (1905-1994) e a esposa Lotte Selma Pinkuss (1912-2003). Fonte: Fototeca/AHJB.

Ajude-nos a preservá-la  
Patrocine nossos projetos.

## CARO LEITOR

Entre as preocupações do imigrante ao chegar a um novo país em que a língua, usos e costumes são muitas vezes outros, surge um problema vital, a Educação: a escolha de um boa escola para seus filhos.

Interessou-nos então, sob um ponto de vista histórico, discorrer sobre o tema e, para isso, convidamos Tânia Kaufman, mestre em Antropologia, doutora em História e presidente do AHJP, Carlos Kertész, engenheiro pela Universidade Federal da Bahia e Israel Blajberg, engenheiro e professor da UFF de Niterói, para pronunciarem-se livremente sobre o tema.

Esta edição traz também uma matéria do vereador Floriano Pesaro que nos descreve, com lucidez e entusiasmo, sua recente viagem a Israel, ocasião essa, em que teve a grata surpresa de ser nomeado Representante da América Latina no Organismo Mundial de Parlamentares Judeus.

Flávio Bitelman, abordando também uma viagem, esta para a Espanha, que é ilustrada com excelentes fotos das Juderias do país, proporcionará certamente ao leitor momentos agradáveis e esperamos que os demais artigos despertem seu interesse, igualmente.

**SEMA PETRAGNANI, EDITORA**

CAPA: Escola Hebreu-Brasileira Max Nordau, RJ. Fonte: Fototeca/AHJB.

*Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião do AHJB.*

*A linguagem e soletração em cada artigo respeita a escolha do autor.*

O BOLETIM DO AHJB é enviado gratuitamente aos sócios, a instituições culturais do Brasil e do exterior, e é também distribuído aos visitantes e consulentes que o solicitam. Lembramos aos colaboradores que este boletim possui ISSN (International Standard Serial Number), número internacional normatizado para publicações seriadas. Os artigos inéditos podem ser enviados à Redação pelo e-mail [ahjb@ahjb.org.br](mailto:ahjb@ahjb.org.br)

**PRESIDENTE** Maurício Serebrinic **1º VICE PRESIDENTE** Carlos R. de Mello Kertész **2º VICE PRESIDENTE** Roney Cytrynowicz **DIRETOR FINANCEIRO** Jayme Serebrinic **SECRETÁRIA GERAL** Myriam Chansky **DIR. DE BIBLIOTECA E ACERVOS DOCUMENTAIS** Roney Cytrynowicz **DIR. DE ACERVOS ESPECIAIS** Simão Frost **DIR. DE COMUNICAÇÃO** Sema Petragnani **DIR. DE CULTURA ÍDICHE** Abrahão Gitelman **DIR. DE DIVULGAÇÃO** Sonia Lea Shnaider **DIR. DE EDUCAÇÃO** Anna Rosa Bigazzi **DIR. DE EXPOSIÇÕES** Miriam S. S. Landa **DIR. DE GENEALOGIA** Guilherme Faiguenboim **DIR. HISTÓRIA ORAL** Marília Freidenson **DIR. DE MÚSICA E DISCOTECA** Lea V. Freitag **DIR. DE PATRIMÔNIO** Maurício Serebrinic **DIR. DE PESQUISA** Samuel Belk **DIR. RELAÇÕES INSTITUCIONAIS** Paulina Faiguenboim **DIR. DE SEÇÕES E INFORMÁTICA** Carlos R. De Mello Kertész

**ADMINISTRAÇÃO** Eliane Klein **BIBLIOTECA** Theodora da C. F. Barbosa **DOCUMENTAÇÃO, PESQUISA, PROJETO E EDUCAÇÃO** Lúcia Chermont **FOTOTECA** Arnaldo Lev **SERVIÇOS GERAIS** José Messias Ribeiro Santos **ESTAGIÁRIOS** Gabriela Munin

**REDAÇÃO - EDITORA** Sema Petragnani **CO-EDITOR** Paulo Valadares **REVISORAS** Suely Pfeferman **TRADUTORA** Flora Martinelli **DIAGRAMAÇÃO** Alexandra Marchesini **PROJETO GRÁFICO** Ciro Girard/satelitesmg.com.br **IMPRESSÃO** Northgraph Gráfica **CONTATOS** [ahjb@ahjb.org.br](mailto:ahjb@ahjb.org.br) ou pelos telefones 11 3088-0879 / 2157.4124

## ÍNDICE

- 03 EDITORIAL E ÍNDICE
- 04 PALVRA DO PRESIDENTE
- 05 CORRESPONDÊNCIA
- 06 NOTÍCIAS
- 09 TRÊS VISÕES SOBRE EDUCAÇÃO JUDAICA NO BRASIL
- 16 FOTOTECA
- 18 MINHA VIAGEM A ISRAEL
- 20 JUDERIAS DA ESPANHA PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE
- 25 MAIMÔNIDES, O SÁBIO JUDEU
- 27 DR. YOSEF EFENDI CARMONA: "O DREYFUS OTOMANO"
- 30 UM LIVRO E DUAS ABORDAGENS
- 33 O BOI E A TOURA
- 36 LAFER-KLABIN DE POSELVJA: EMPREENDEDORES E INTELLECTUAIS BRASILEIROS
- 41 LIVROS INDICADOS
- 42 PROF DR. OTTO RICHARD GOTTLIEB
- 43 PREOCUPANDO-SE COM OS DESTINOS DO MUNDO
- 44 MEMÓRIA
- 45 DOAÇÕES
- 43 PESQUISADORES
- 43 IMAGENS VENDIDAS OU CEDIDAS



## PALAVRA DO PRESIDENTE

CAROS AMIGOS E COMPANHEIROS DO AHJB, ESTAMOS NA ÉPOCA DAS GRANDES FESTAS E MINHA ESPOSA HELENA E EU DESEJAMOS A TODOS VOCÊS CHATIMÁ TOVÁ E QUE SEJAM TODOS INSCRITOS NO LIVRO DA VIDA.

ÊSTE FOI UM ANO COMPLICADO PARA MIM QUANTO A SAÚDE, MAS O PIOR JÁ PASSOU E TENHO CONSEGUIDO UMA BOA ESTABILIDADE. PORTANTO, ME VEJO EM CONDIÇÕES DE PROSSEGUIR O TRABALHO NO AHJB.

ESTAMOS EM PLENA EXECUÇÃO DO PROJETO APROVADO NA FAPESP DE HIGIENIZAÇÃO E REORGANIZAÇÃO DOS NOSSOS DOCUMENTOS.

CONSEGUIMOS A EXPANSÃO DE NOSSAS INSTALAÇÕES EM PARCERIA COM A CONSTRUTORA ATLÂNTICA, COM A CONSTRUÇÃO DE MAIS DUAS SALAS ONDE PODEREMOS ARMAZENAR COM MAIS QUALIDADE O NOSSO ACERVO.

FIZEMOS UMA EXPOSIÇÃO EM PARCERIA COM A CONIB, NA “A HEBRAICA” NO DIA EM QUE COMEMORAMOS A IMIGRAÇÃO JUDAICA NO BRASIL.

EM PARCERIA COM O CENTRO DE CULTURA JUDAICA ATRAVÉS DO SEU DIRETOR BENJAMIM SEROUSSI, PARTICIPAMOS DE UMA EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA SOBRE O BAIRRO DO BOM RETIRO, COM MUITO SUCESSO E INICIAMOS UMA NOVA PARCERIA DE RECUPERAÇÃO DO NOSSO ACERVO DE DISCOS DE VINIL EM QUE SERÃO HIGIENIZADOS E ORGANIZADOS PARA UMA FUTURA EXPOSIÇÃO.

QUANTO AOS ASPECTOS ADMINISTRATIVOS ESTAMOS, ATRAVÉS DO NOSSO ASSOCIADO HENRIQUE STOBIECKI, NOS CAPACITANDO PARA TERMOS DIREITO A RECEBER CONTRIBUIÇÕES ATRAVÉS DE RENÚNCIA FISCAL TENDO INCLUSIVE JÁ ENTRADO COM UM PROJETO NA PREFEITURA DE SÃO PAULO PARA ISENÇÃO DE IPTU DE DOADORES.

ENFIM O AHJB ESTÁ CADA VEZ MAIS VIVO E ATIVO E FAZENDO O SEU PAPEL NA COMUNIDADE.

NO PRÓXIMO MÊS DE NOVEMBRO DE 2011 REALIZAREMOS NOVA ELEIÇÃO DA DIRETORIA E SOLICITO AOS SÓCIOS E ATUAIS DIRETORES QUE NOS AJUDEM A FORMAR UMA NOVA DIRETORIA E QUE PARTICIPEM ATIVAMENTE DAS ELEIÇÕES.



**MAURICIO SEREBRINIC**

Ao ver uma revista com uma foto da Cooperativa do Crédito Popular do Bom Retiro, logo pensei no meu pai. Ele morou muito tempo nesse bairro e imaginei que ele fosse gostar de ler essa reportagem, porém houve muito mais do que isso.

Foi extremamente significativo e prazeroso ter essa oportunidade: compartilhar com meu pai um pouco mais sobre a história dele através dos relatos da revista.

A emoção e as lembranças foram muito significativas para ele e eu adorei ouvi-lo.

Sei que pode parecer bobagem de uma filha adulta, mas resgatar essa memória me fez muito bem. Meu cordial agradecimento.

**ADRIANA THAIZ ABRAMCZYK (por e-mail)**

“(...) Os novos exemplares [do nº 44] chegaram ontem, ao final da tarde. Muito obrigada! É um dos trabalhos de pesquisa conjunta mais transparente que eu já fiz. Normalmente quando temos instituições pelo meio tudo se dificulta, mas desta vez a pesquisa partiu de uma proposta simples que foi muito esclarecedora (...). A nota de rodapé colocada sobre Pablo de Santa María foi um link fantástico...de ser judeu passou a ser judeu - converso e mais tarde a família voltou ao judaísmo com essa vocação pelo político que o judaísmo tem e está ausente no cristianismo. Realmente voltou ou sempre foi? Não é só uma genealogia para encontrar o sangue, é um percurso histórico que dá um maior autoconhecimento do que somos e para onde vamos. Esses estudos são para mim

como um atalho que me permite enxergar mais em frente. É como estar no meu espaço mental (...).

Excelente edição. Obrigada.”

**PILAR ROCA, professora na UFPB. João Pessoa, PB**

*I am searching for surviving members of the Gafanovich family, who came to Sao Paulo [probably after World War 2 but possibly before 1939] and these survivors are listed in the Shoah records at Yad Vashem in Jerusalem. Specifically I would like to trace Isaac Gafanovich, who was living in Salvador R. Lesne 32, B. ... Retis, when he recorded details of his family in Yad Vashem ~ or any members of his family in your city. Similarly, there was a Nechama Kromik, who lived in R. Linia 28 Guedes, Sao Paulo, in 1973. It is possible that one or both of these people may have died in the last 30 years or more and were buried in a Jewish cemetery in Sao Paulo, or perhaps Nechama Kromik had a husband with that name, although she was certainly born into the Gafanovich family, even possibly in Lithuania. The Gafanovich families were usually Lithuanian Ashkenazi Jews, who became extended around the world from the late 19th century through to post World War 2. In some cases the name was modified to something similar. This happened with my own family after its arrival in England in 1878. I hope to hear some news from you in the coming weeks. Sincerely yours.*

**Dr. GERALD GAFFIN [originally Gafanovich], London UK. (resposta à consulta a pagina 41)**

## O ARQUIVO HISTÓRICO JUDAICO BRASILEIRO É UMA ENTIDADE DE UTILIDADE PÚBLICA DA COLETIVIDADE

Colabore doando fotos, livros, jornais, documentos pessoais (passaportes, certidões) e objetos litúrgicos para a preservação da memória judaica no Brasil

### ENDEREÇO:

Rua Estela Sezefreda, 76 - Pinheiros

Tel: 3088-0879 e 3082-3854

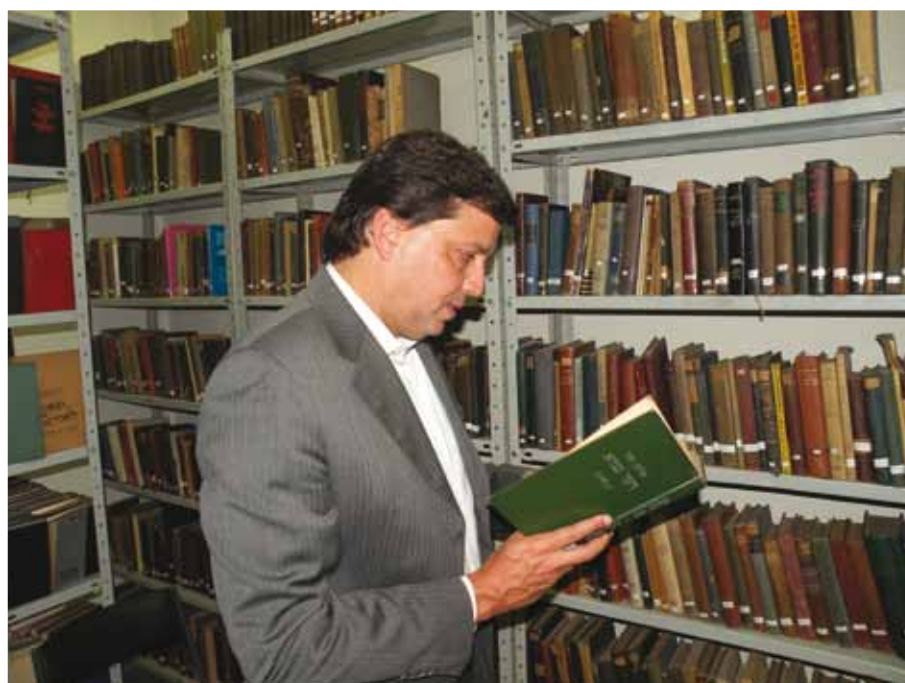
[www.ahjb.com.br](http://www.ahjb.com.br)

Estacionamento conveniado:

Park Land, Rua Mateus Grou, 109 (a 50 metros do Arquivo)

**TORNE-SE  
SÓCIO DO  
ARQUIVO**

# Floriano Pesaro visita o Arquivo



No dia 20 de julho, o vereador Floriano Pesaro acompanhado de suas assessoras Marina Bragante e Ester Tarandach estiveram em visita ao Arquivo. Recepcionaram o vereador e suas acompanhantes, o Presidente do Arquivo, Maurício Serebrinic, bem como vários diretores.

O vereador e suas assessoras tiveram oportunidade de ver a pequena exposição com documentos do acervo, como o livro de entrada de imigrantes no porto de Santos, passaportes, cartas de chamada, e publicações do Arquivo como o livro "Passagem para a América", a revista Boletim Informativo, o Informe Mensal, Anais de Encontros Nacionais, entre outras.

Depois de ter visitado as instalações, inclusive a recente ampliação do espaço, para melhor acomodar o recebimento de novas doações, foi exibido um DVD institucional onde foram mostradas todas as atividades de nossa entidade.

Na ocasião, o vereador mencionou a existência na Câmara Municipal, do projeto de lei 112/2009 de sua autoria, recentemente aprovado, que prevê que sejam inseridas aulas, na disciplina de História, sobre o tema do Holocausto, nas rede Municipal.

Diante do exposto, o AHJB propôs o estabelecimento de uma parceria, sugerindo a criação de uma "Van de Tolerância", que adaptada com diversos materiais sobre o tema, inclusive com exposição de fotos e documentos entre outros recursos cedidos pelo AHJB, circularia pelas cidades do estado de São Paulo.

Tomamos também conhecimento, nesta ocasião, de que o vereador esteve recentemente no Encontro Nacional de Parlamentares Judeus em Jerusalém e que foi nomeado representante da América Latina no organismo Mundial de Parlamentares Judeus.

Orgulhosos, agradecemos a visita, que foi bastante produtiva para todos.



# CONFERÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO MUNDIAL PARA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO DOS JUDEUS DO EGITO

SARINA ROEMER \*

*Sarina Roemer, da diretoria do Núcleo de História Oral do AHJB, esteve presente, no final de 2010, a uma Conferência da Associação Mundial para a Preservação do Patrimônio dos Judeus do Egito em Beit Daniel, Tel Aviv, Israel. Sarina transcreveu e traduziu do francês o texto integral do relatório exposto por Levana Zamir, presidente da Associação.*

O sétimo dia de Chanuká, em 7 de dezembro de 2010, foi a melhor data escolhida para a inauguração desta nova associação que reagrupa diversas associações locais de judeus do Egito e cuja meta principal é fundar um Museu dos Judeus do Egito em Israel. Dez dias antes da Conferência, a sala do Beit Daniel já estava lotada com 250 participantes. Entre nossos convidados: Amira Oron, diretora do Departamento Egípcio no Ministério das Relações Exteriores, Sanaa Hasson, a representante da Embaixada Israelense do Cairo e nossa amiga Sarina Roemer de São Paulo, Brasil, que se ocupa de testemunhos para o Arquivo Histórico Judaico do Brasil, em São Paulo.

## NO PROGRAMA

**Cerimônia da *Hadlakat Ner Chanuká*** - (acendimento das velas de *Chanuká*) por Shimon Sayegh, com as *berachot* e os *mizmorim* (bênçãos e cantos) de *Chanuká* entoados pelo auditório.

**Bufê** - com os sabores de nossa infância, à beira do rio Nilo, incluindo *kobebas*, *menenas*, *basbussa* e folhas

de uva recheadas (especialidades orientais)

**Na entrada** - distribuição do nosso novo Boletim dos Judeus do Egito: "Nossa saída do Egito", contendo artigos em três idiomas: hebraico, francês e inglês.

**Seção dos responsáveis das diversas Organizações** - com Gilbert Bar-On, Azi Naggat, Lucie Calamaro, Shosh Hadar e Levana Zamir. Relatório das atividades de cada organização, ressaltando a importância de

seu re-agrupamento em nível nacional.

**Contribuição dos Judeus do Egito antes da Fundação do Estado de Israel, por Levana Zamir** - Graças à documentação de Maurice Fargeon e do Boletim da Sociedade de Estudos Históricos Judaicos, fundada em 1929 pela Comunidade Judaica do Cairo, re-encontramos pormenores nem sempre mencionados em outros documentos sobre a enorme contribuição dos Judeus do Egito para o desenvolvimento do *ishuv em Eretz Israel*, antes da fundação do Estado de Israel.

Entre eles:

**1914-1915** - Absorção de 11.227 refugiados judeus expulsos da Palestina durante a Primeira Guerra Mundial. A comunidade judaica no Egito lhes deu toda a ajuda material e cultural necessária: alojamento, trabalho, escolas, jardins de infância, entre outros. Após



Cerimônia da *Hadlakat Ner Chanuká* (acendimento das velas de *Chanuká*) por Shimon Sayegh. Levana Zamir ao microfone, Shosh Hadar, Azi Haggat, Lucie Calamaro e Gilbert Baron.



Sanaa Hasson cumprimentando o público e, na primeira fileira, à direita, Sarina Roemer.

a guerra, grande parte destes refugiados se sentiram tão bem instalados que continuaram a residir no Egito.

**1920-27** - os judeus de Alexandria ajudaram 12.000 judeus da Europa a se instalarem na Palestina.

**1925** - Fundação da sociedade "Amigos da Universidade Hebraica de Jerusalém", no Cairo. Uma delegação de 100 membros da comunidade judaica do Egito esteve presente na inauguração da Universidade de Jerusalém. Entre eles, Ahmad Lofti El-Sayed, representante da Universidade do Cairo.

Fundação, no Cairo, da WIZO, do Centro Cultural *Beit-Haam*, e da "Amigos do Colégio Rabínico de Rhodes".

**1935** - Compra de um vasto terreno no centro de *Eretz Israel* pela quantia de 13.000 libras esterlinas, para a fundação do *Moshav Kfar Yedidia*, que absorveu os refugiados judeus alemães e poloneses. Este *moshav*, que floresce até este dia, acaba de celebrar 70 anos. Seu nome *Yedidia* vem do nome hebraico de Filo o Alexandrino, nos tempos do Egito helênico, simbolizando a Comunidade Judaica de Alexandria que fundou este *moshav*.

**1944** - Grande doação de 100.000 libras egípcias para

o *United Jewish Appeal*, para a absorção dos refugiados europeus em *Eretz Israel*. Esta doação foi a maior entre todas as comunidades judaicas da bacia do Mediterrâneo.

**A partir de 1942** - Após a derrota da Alemanha em *El Alamein*, perto de Alexandria, que deixou grandes quantidades de munições no deserto, um grupo de judeus do Egito se organizou para recuperar e adquirir estas armas do deserto de *El Alamein*, para depois transferi-las clandestinamente para a *haganá* (Exército de Defesa de Israel) em *Eretz Israel*.

**1940-1948**: Yolande Harmor, jornalista judia de Alexandria, enviou, entre outras informações para a *haganá*, em dezembro de 1947, o plano secreto de El-Kaoudgi, informações que levaram à derrota a invasão no norte de Israel em 1947-48. Tudo isto, além das inúmeras doações feitas pelos judeus do Egito, as inúmeras causas do *ishuv*.

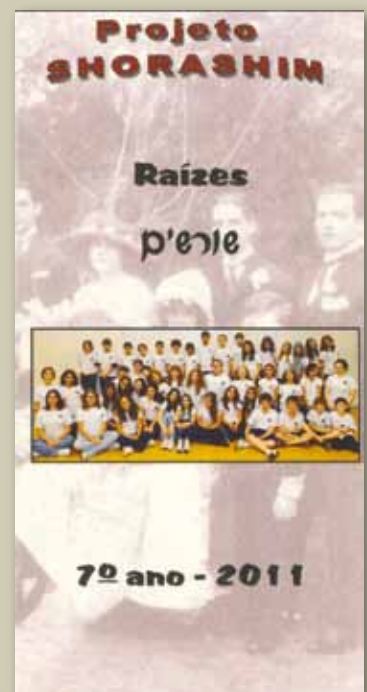
Para finalizar a Conferência, a atriz israelense de renome, Yafa Toussia-Cohen, filha da cantora egípcia Fayza Roushdi, cantou uma série de refrões egípcios. Na saída do encontro, os participantes se deliciaram com sonhos fritos quentes, simbolizando a festa de *Chanuká*.

## ENCONTRO LUZ E BOM RETIRO, MEMÓRIA E VIDA

A historiadora Lucia Chermont, coordenadora de atendimento, pesquisa e educação do AHJB, foi convidada pelo Centro da Cultura Judaica para participar do Encontro Luz e Bom Retiro, Memória e Vida, no dia 18 de agosto. Esta foi uma atividade paralela da exposição Bom Retiro e Luz: Um Roteiro, 1976 – 2011, no Centro da Cultura Judaica. O Encontro contou com a participação de Gabriela Aidar, coordenadora do Programa de Inclusão Sociocultural do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca do Estado de São Paulo, e mediação de Felipe Paros, coordenador da Ação Educativa do Centro da Cultura Judaica. No Encontro, apresentou-se a história do AHJB e como são divididos os acervos e as atividades diárias de cada um deles. Em seguida, foi feita a leitura de uma breve narrativa, contextualizando a comunidade judaica na primeira metade do século XX, em São Paulo. Ao final, foram delimitados dois recortes no acervo do AHJB. Primeiro, documentos e imagens de três Fundos Institucionais assistenciais: a EZRA, a Linath Hatzedek e a OFIDAS, e, segundo, expuseram imagens dos Fundos e Coleções Pessoais do Parque da Luz, nos anos 1930-40. Gabriela Aidar apresentou o maravilhoso projeto de inclusão sociocultural com moradores em situação de rua, trabalhadores de baixa renda e ONGs, desenvolvido pela Pinacoteca do Estado de São Paulo.

## PROJETO SHORASHIM

A exposição "Imigração Judaica – Cronologia e Origens" do AHJB foi solicitada pelo Colégio Bialik para enriquecer o evento do Projeto *Shorashim* – Raízes dos alunos do 7º ano. Este projeto tem como objetivo um estudo das famílias, no qual os alunos pesquisaram, registraram e coletaram depoimentos familiares. Ao final do projeto, cada aluno preparou um Álbum de Família que foi entregue aos pais no dia 15/08/2011, numa grande comemoração no salão do colégio.





# TRÊS VISÕES SOBRE EDUCAÇÃO JUDAICA NO BRASIL

O jornalista Gilberto Dimenstein tomou, como mote para um artigo, a pergunta provocativa: “*Judeus e japoneses são mais inteligentes?*” (FOLHA DE S. PAULO, 24/04/2005, p. C8). Nele, atribuiu este provável sucesso à preocupação familiar com a educação no seu sentido mais amplo.

“(…) A vantagem dos judeus brasileiros ocorre especialmente por causa do quesito escolaridade: acima dos 25 anos de idade, 63% deles estão cursando ou já concluíram o ensino superior (…)”.

Este é um tema que sempre causa interesse. No BOLETIM, já tratamos dele várias vezes – a última vez foi no nº 43 – “15 de outubro é o Dia do Professor no Brasil”. Voltamos a ele neste número com outra abordagem.

Não custa lembrar que há no AHJB farta documentação sobre o tema. São documentos originais, registros de escolas judaicas e rica iconografia formada por fotografias de escolas e também de alunos. Todo este material está à disposição dos pesquisadores interessados.

Para este número pedimos artigos sobre o tema Educação em seus estados aos nossos colaboradores. Recebemos três excelentes artigos, escritos por professores experientes, mas com distintas abordagens ao tema.

No primeiro trabalho, Tânia Neumann Kaufman, socióloga, mestre em Antropologia e doutora em História mostra um museu judaico-pernambucano como instrumento de educação. A seguir, Carlos Kertesz, professor na UFBA, conta a história da educação judaica na Bahia. Finalmente, Israel Blajberg, professor na UFF, encerra o dossiê com uma apreciação filosófica sobre a questão educacional judaica.

Associação Associação  
**Collegio Israelita de Quatro Irmãos**  
L. 1.208-1929  
Rua Minas, 111 - Quatro Irmãos - São Paulo - SP

1929

**BOLETIM DO ALUNO**  
*Apphia Kaufman*

Fala de aproveitamento: dias  
Fim de semana: dias

Aplicação: 10  
Conduta: 10

**Nota do ultimo exame parcial:**

	PORTUGUEZ	ISRAELITA
Leitura	10	8
Linguagem	9	7
Calligraphia	7	6
Dictado	8	7
Aritmetica	8	7
Geographia	7	7
Historia	8	8
Instrução moral e civica	8	8

Quatro Irmãos, 1.º de Junho de 1929.



# AÇÕES EDUCATIVAS NO MUSEU SINAGOGA *KAHAL ZUR ISRAEL*: NOVOS PARADIGMAS

TÂNIA NEUMANN KAUFMAN \*

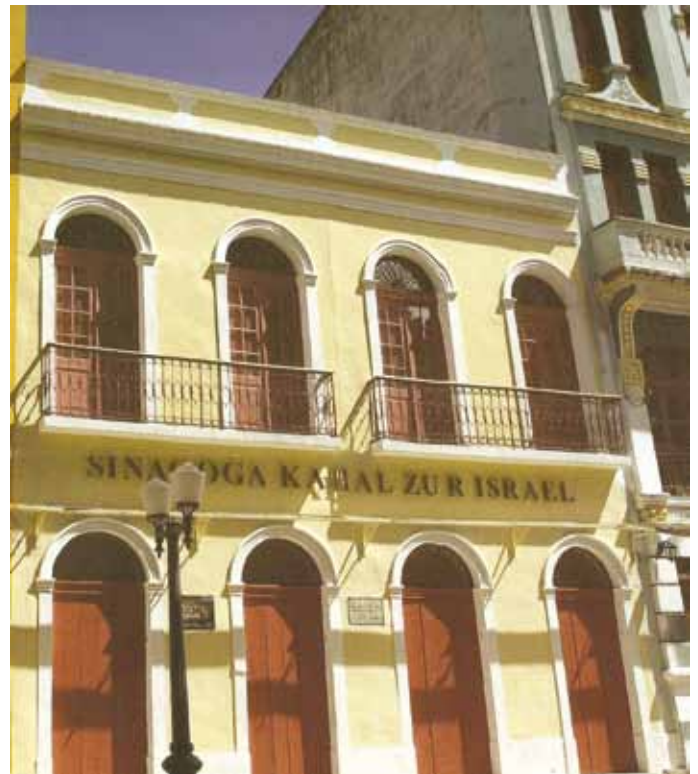
Este texto trata de algumas reflexões sobre os desafios na gestão de acervos culturais enfrentados por entidades privadas de pesquisa histórica, especificamente, no caso do Museu Sinagoga Kahal Zur Israel, que tem seu suporte museológico e administrativo no Arquivo Histórico Judaico de Pernambuco e apoio institucional na Federação Israelita de Pernambuco.

**P**ara expor nossas idéias, inicialmente, recorreremos ao sentido lato da palavra patrimônio, entendido como um legado que herdamos do passado e que transmitimos às gerações futuras. Há uma herança das formações sociais dos cristãos-novos, cripto-judeus e judeus que estiveram presentes nos primeiros processos interativos nas terras recém ocupadas do Brasil. Os indígenas, como habitantes nativos das terras recém-conquistadas e a população dos “degredados”, colonos, técnicos e outras categorias enviados sem suas famílias, davam início às primeiras trocas simbólicas em cotidianos que garantiam a sobrevivência física dos recém-chegados.

As primeiras uniões entre homens e mulheres, os primeiros filhos dessas uniões, as adaptações aos novos costumes alimentares, moradias e vestuários, novas formas de relações e organizações sociais, deixaram marcas pouco valorizadas pelos historiadores do período. Há, ainda, o legado dos acontecimentos que resultaram no erguimento da primeira sinagoga das Américas no pequeno povoado de pescadores que, ao crescer durante a chegada dos holandeses, abrigou uma rica e atuante comunidade que reuniu os cristãos-novos, já moradores em Pernambuco, e os judeus, portugueses de Amsterdã. Estes últimos acreditaram que poderiam, da diáspora da Península Ibérica para a Holanda, incorporar as ideias de modernidade propostas pelo então Governador do Brasil Holandês, o Príncipe Maurício de Nassau.

Eles fizeram parte da construção do sonho de construir uma cidade ideal para abrigar os projetos planejados de urbanização, criação de uma elite econômica, intelectual, científica e artística. Por isso, estamos atentos aos programas das agências de apoio à preservação de acervos culturais que incluem, além da cultura material, a valorização de elementos que representam o intangível no processo histórico, com uma visão mais ampla das identidades nacionais e sociais.

Também fazemos parte daqueles que, atualmente, se preocupam com a vulnerabilidade física das manifestações materiais e imateriais da cultura criada pelo



Museu Sinagoga Kahal Tzur Israel, Recife. Fonte: extraído do livro “Sinagogas do Brasil” de autoria de Jaime Spitzcovsky publicado pelo Instituto Cultural SAFRA - 2004

homem, por parte de gestores de memórias, governamentais e empresariais. O “ser” e “fazer” do homem econômico, religioso, social e artístico, em tempos e espaços diferentes na sociedade brasileira, foi construído no rastro da diversidade cultural que caracteriza nossa história. As ligações que formaram no passado a rede de relações culturais entre os grupos participantes precisam ser conhecidas para entendermos o presente. Nessa diversidade, buscamos os caminhos da inclusividade da cultura judaica nas discussões e ações educativas em museus. Acreditamos na fluidez da cultura, em seus aspectos de permanência e continuidade, dependendo da forma que se cuidam dos riscos de rupturas com o passado.

Nesse sentido, estamos considerando os fatos que

dão suporte às metas de creditar ao Museu o caráter de um pólo de referência da cultura judaica no nordeste do Brasil, procedente de vários segmentos da população local. Percebemos que há uma seletividade positiva, principalmente no meio acadêmico e da mídia em geral, na vontade de “conhecer” fatos da cultura judaica que, tradicionalmente, não se aprende na escola. Não apenas conhecer pelo “diferente” durante as visitas ao Museu da Sinagoga. É mais pela preocupação de estabelecer formas institucionais curriculares para trabalhar em sala de aula uma temática tão pouco conhecida como cultura étnica ou religiosa. É uma estimulante demanda do turismo nacional e internacional. É o interesse do artesão pernambucano na produção de objetos baseados na iconografia e na arte judaica. É a demanda pelos estudos de genealogia para uma possível legitimação de uma ancestralidade “escondida” por tantos séculos.

Será uma forma ainda inconsciente na “vontade” de legar conhecimento às gerações futuras? Por que uma demanda por assessorias de cultura judaica para implantação e implementação de atividades didático-pedagógicas em escolas e universidades, curriculares e extracurriculares? Será uma noção de posse ou consciência de direitos de compartilhar um determinado legado de uma cultura pouco conhecida?

Foram muitas as ocasiões que me lembraram uma frase de Ballart quando ele diz que patrimônio surge “quando um indivíduo ou um grupo de indivíduos identifica como seus um objeto ou um conjunto de objetos”. (Ballart, 1997: 17)

Ainda me surpreendo com a predominância em nossa equipe de pesquisadores não judeus entre os que se destacam na formação acadêmica nas alternativas temáticas sobre a cultura judaica, enriquecendo o nível das pesquisas sobre o assunto. Não se pode esquecer que a questão de valor de um legado do passado está subjacente às escolhas de temas feitas pelo pesquisador.

Ultrapassadas as primeiras etapas desde 2001 para inclusão institucional do Museu como patrimônio histórico e cultural de Pernambuco, estamos desenvolvendo projetos estruturadores visando diminuir a pobreza de conhecimentos sobre judaísmo e socializar o produto de estudos e pesquisas.

Acreditamos na aliança entre o cultural e o social. Comemoramos a consolidação de novos paradigmas sobre a cultura judaica inserida no contexto das demais etnias que fazem parte do patrimônio cultural brasileiro. Investimos num perfil para essa entidade como espaço preservador e veiculador de uma memória coletiva (o patrimônio imaterial) e como lugar de memória de uma herança material. É possível que uma desconstrução de

preconceitos também fosse favorecida pelas ações já desenvolvidas e inspirada no conceito de museu inclusivo.

O papel educativo e estimulador de uma cidadania cultural não apenas amplia o conhecimento, mas também valoriza mecanismos de socialização do produto dessas ações. O museu comprometido com a divulgação do conhecimento mostra, ainda, seu trabalho com os grupos de crianças nas salas da Primeira Sinagoga das Américas. Além da experiência pedagógica diferente, também desfrutam de uma oportunidade de conhecer, por meio da história peculiar da presença judaica no século 17, a história da sua cidade e do seu país.

Aprendem e apreendem que o Recife abrigou naquela época o esboço de uma nova sociedade. Aprendem que é possível conviver com o diferente. Entendem que a alteridade não deve levar à exclusão, tornando mais fácil a apropriação de noções de direito e cidadania.

O estudioso da cultura judaica no Brasil busca traços desse passado e se dá conta de que, para a reprodução daquelas estruturas, precisa olhar às margens da sociedade de outrora; precisa reencontrar-se com o tempo de seu objeto de estudo através do próprio agente da história: os que atualmente se identificam com os antigos marranos. Precisa tomar como referência os caminhos já trilhados por historiadores e antropólogos que se dedicam àquilo que sobrevive das antigas oralidades ocultas e que aparecem sob formas de vestígios disfarçados, triunfando sempre que algum fato estimula sua emergência. Precisa valorizar a busca das tradições, das mudanças, continuidades e descontinuidades da sociedade marrana e a memória do cotidiano daquelas pessoas. Deve interessar-se pelos estudos das permanências de uma cultura judaica ibérica, no quadro da comunidade judaica colonial brasileira, nas condições de aculturação da população marrana transladada de Portugal para o Brasil, nas representações simbólicas da população miscigenada nordestina e de suas transformações. Os pesquisadores da cultura judaica argumentam que estamos no limiar de novas respostas sobre continuidade e permanência dos judeus no Brasil.

#### NOTAS:

2. A maioria da população transladada compulsoriamente de Portugal para o Brasil era de origem judaica.
3. BALLART, Josep. *El Patrimonio Histórico y Arqueológico: Valor y Uso*, Barcelona, Ariel Patrimonio Histórico. 1997.

(\*) A autora é socióloga e mestre em Antropologia e doutora em História. Presidente do Arquivo Histórico Judaico de Pernambuco. Idealizadora do Programa CONVIVÊNCIA ENTRE CULTURAS: ÍNDIO, NEGRO E JUDEUS E SUAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS.



# ESCOLAS ISRAELITAS NA BAHIA

CARLOS KERTÉSZ \*

**N**a Bahia, a Escola Jacob Dinenzon, fundada em fevereiro de 1925 pelos progressistas, funcionou por cinco décadas. Uma outra escola, a Ber Borochov (sionista), funcionou de 1930 a 1939.

A Escola como centro de preservação das tradições sempre foi uma prioridade dos imigrantes judeus. Era onde aprendíamos as matérias normais de uma escola brasileira dentro do maior rigor e com muito aproveitamento, além de estudarmos o *íidiche*, a *íidiche gueschichte* (história judaica), o hebraico. Comemorávamos as datas mais importantes de nosso calendário e costumes. A Escola Jacob Dinenzon funcionou por muitos anos, tendo preparado mais de uma geração de filhos de imigrantes.

Estudei na Escola Jacob Dinenzon, que funcionava num velho casarão na Rua Santa Clara do Desterro nº 34, no centro do Bairro de Nazaré, preferido pela maioria da comunidade na época. As turmas eram pequenas, o ensino eficiente e os professores, de muito bom nível. Estes fatos permitiam um índice próximo dos 100 % nos exames de admissão ao ginásio em todos os colégios aos quais nos candidatávamos.

Um incêndio em 1947 no velho casarão do Desterro destruiu parte das instalações da Escola e contribuiu para que os dirigentes de então buscassem e achassem uma solução para o problema de espaço. Em agosto de 1949, ainda com a nova sede em fase de acabamento, a Escola foi a primeira entidade a ocupá-la. O dia da mudança teve lances inesquecíveis. Foi organizado um verdadeiro desfile pelas ruas do bairro, com todos os alunos andando de um prédio para o outro, conduzidos pelos professores e dirigentes. Minha turma do 5º ano encabeçava o desfile porque éramos os mais velhos; fo-

mos os porta bandeiras do Brasil e de Israel, a qual tive a honra de levar. Este deve ter sido o primeiro dia em que a bandeira do recém-criado Estado de Israel tremulou em terras baianas.

Otacílio Antônio Tibiriçá é um nome sempre lembrado pelos alunos da Escola. Foi diretor durante muitos anos, além de ensinar português. Fazia um tipo interessante, sempre de branco, elegante, unhas compridas e amareladas pelo cigarro, bom humor e muito carinho com os alunos.

A aposentadoria do Professor Tibiriçá foi muito sentida por todos e a comunidade lhe ofereceu, por seus méritos, uma casa na Ladeira da Fonte, no Campo Grande no centro de Salvador.

Tibiriçá foi sucedido na direção da Escola pela brilhante e querida professora Maria de Lourdes Alvim do Bonfim, responsável também pelo ensino de português, e que ocupou este cargo até o fechamento da Escola em dezembro de 1979. Além de ensinar, ela coordenava os professores do currículo comum, responsáveis pela aprovação dos alunos nos exames de admissão.

Seu aniversário no dia 28 de junho era festejado todos os anos em sua casa na Rua do Carmo, com a presença em peso de toda a Escola. Eram festas muito animadas.

Enquanto fui aluno, outras professoras marcaram suas passagens pela "Jacob Dinenzon" com igual dedicação e competência: Gessy, Ruth Sampaio, Lurdes Sampaio, Marivalda, Claudemira e Luba Berenstein, professora de *íidiche* e *íidiche gueschichte* que despertou nos seus alunos o amor ao judaísmo e à língua *íidiche*, como aconteceu com aquela criança que hoje incentiva seus netos no mesmo caminho e escreve estas linhas para nosso Boletim.

Com a declaração de independência do Estado de Israel em 1948, a língua hebraica começou a ocupar um lu-



Diretoria e professores da E I B na festa de conclusão do ano letivo - Salvador, 1950 (menino sentado à direita no palco é o autor desta matéria e foi orador da turma).



Vista geral do público e alunos na festa promovida pela Escola Jacob Dinenzon com o apoio do Colégio Peretz - Salvador 1976.



Crianças do Maternal - 1951

gar de mais destaque e o professor Abram Kotler foi contratado para ensiná-la. Muito jovem e cheio de ideias, ele chegou à nossa cidade casado e sem saber uma palavra de português. Competente e dedicado, conquistou todos, não só como professor, mas como divulgador de nossas tradições e costumes. O professor Schwartz foi outro grande mestre que chegou depois do meu tempo e marcou sua presença em nossa Escola, com sua competência e simpatia, inovando os métodos de ensino e melhorando a qualidade do aprendizado.

Em 1968, o casal Ana e Jaime Fichman doou um parque infantil à Escola, o que veio dar um novo encanto àquilo que era muito bonito. Foi implantado na área do fundo do prédio.

No princípio da década de 70, havia cerca de 120 alunos matriculados, mas a redução começava a se agravar, devido a constantes transferências de famílias inteiras para São Paulo.

Acompanhando a nova legislação, em 1974, a Escola assinou um convênio com o Colégio 2 de Julho, que garantia aos seus alunos matrícula no 5º ano do primeiro grau, independente de exame. Ficamos funcionando do maternal até o 4º ano.

Foi durante a presidência de Moysés Wolfvitch na Sociedade Israelita da Bahia – SIB (Federação Israelita), em 1976, que assumi a presidência da Escola. Uma das primeiras providências adotadas foi acertar um programa de assistência com o Colégio I.L.Peretz de São Paulo. O Peretz colaborou com materiais didáticos e enviou as professoras Esther Blinder e Fanny Barocas para um treinamento dos nossos professores durante 15 dias em Salvador e depois em São Paulo. Isso deu um novo impulso à Escola.

Com o passar do tempo, porém, as condições começaram a mudar e ficava difícil manter a Escola para um número pequeno de alunos, sobrecarregando financeiramente seus pais. Devido à importância que ela representava na vida comunitária, foram feitas algumas tentativas para mantê-la em funcionamento, num esforço conjunto de pais e dirigentes. Tornou-se impraticável e suas atividades foram encerradas em dezembro de 1979.

O fechamento da Escola Israelita Brasileira Jacob Dinenzon foi um golpe muito grande na vida da comunidade judaica da Bahia. Era em sua sede que se realizavam todos os eventos sociais e comemorativos e só a presença das famílias dos alunos garantia público para as manifestações.

A preocupação com o ensino de nossas tradições e cultura tem sido constante em todas as diretorias da comunidade desde o fechamento da Escola. Tive a oportunidade de presidir a SIB entre 1986 e 1991 e lembro como fazíamos para manter acesa a chama do judaísmo entre as crianças e a juventude.

Para tanto, é muito importante o apoio de instituições como Wizo, Naamat e Habonim Dror que possibilita a realização anual do 3º seder de Pessach, comemoração de nossas festas e a instalação de uma Escolinha Informal.

A falta da “Jacob Dinenzon” é muito sentida, mas tudo está sendo feito para transmitir às novas gerações a herança que recebemos de nossos antepassados.

(\*) O autor é engenheiro civil, professor adjunto, aposentado da Escola de Administração da UFB - vice-presidente do AHJB.

# O PAPEL DA ESCOLA JUDAICA NA SOCIEDADE BRASILEIRA

ISRAEL BLAJBERG \*

Observando o espectro escolar na cidade do Rio de Janeiro, o que sem dúvida pode ser estendido ao Brasil como um todo, notamos a existência de uma vasta gama de estabelecimentos de ensino polarizando extratos específicos da sociedade, sejam militares (Colégio Militar), religiosos (Santo Inácio, São Bento, Liessin), nacionais (Franco-Brasileiro, Escola Americana, British School, Colégio Cruzeiro), apenas para citar alguns.

Analisando o subconjunto escola judaica, verificamos que, no passado, apresentou números bem maiores que hoje, seja em unidades escolares, seja em alunos e professores. Se tomarmos um horizonte de apenas 50 anos, 1961-2011, estimamos que o setor tenha encolhido talvez 80%, ao contrário das demais escolas direcionadas a comunidades específicas, cuja maioria experimentou crescimento expressivo, acompanhando o crescimento das cidades, como o Rio de Janeiro, onde a Zona Sul, Barra da Tijuca, além de Niterói e cidades do interior passaram a receber filiais das mencionadas.

O encolhimento da escola judaica é paradoxal, dado que sua qualidade continua acima da média, refletindo-se na aprovação de seus alunos nos mais exigentes vestibulares, e no papel por eles desempenhado nos mais variados setores, da Medicina ao Direito, do Comércio às Artes. Na política, enfim, nas mais variadas atividades, constata-se que ex-alunos da escola judaica estão presentes em situação de destaque.

No passado distante, quando a comunidade carioca era composta de imigrantes, em sua maioria sem grandes recursos, vivendo nos subúrbios e na Praça XI, seus filhos, brasileiros natos de primeira geração,

já se destacavam junto à nata da sociedade carioca, tomando assento lado a lado nos bancos escolares do famoso Colégio Pedro II, do CPOR, da Escola Politécnica, das Faculdades Nacionais de Direito e de Medicina, do Instituto de Educação, as referências na época.

Libertos do *numerus clausus* que limitou seus pais e avós na Europa distante, puderam desenvolver-se ao calor do sol tropical e, nesta jornada fantástica, a comunidade judaica deu ao Brasil uma contribuição significativa, o que ocorre até hoje, com os filhos, netos e bisnetos daqueles pioneiros.

Ao longo do caminho, a escola judaica se modificou muito. No princípio, a forte presença da geração de imigrantes determinou que o ensino das línguas iídiche e hebraica e os estudos judaicos de História e Religião dificultaram o acesso de alunos não-judeus, já que o currículo acabava não interessando a outros jovens, além de determinar um aumento excessivo de carga horária e elevado preço para as mensalidades, para estudar línguas e assuntos que não teriam maior utilidade, ao contrário de inglês e francês nas escolas bi-nacionais.

O passar do tempo e a competitividade do mercado encontrou uma comunidade judaica menos propensa a enviar seus filhos para estas escolas, com o resultado previsível do fechamento de inúmeras unidades, até mesmo pela extinção das comunidades judaicas em subúrbios como Madureira, Olaria, Nilópolis, e outras.

Novas escolas surgiram, como o Instituto de Tecnologia ORT, e o percentual de alunos não-integrantes da comunidade judaica se acentuou, como resultado da maior divulgação da cultura judaica na



sociedade tradicional, o que ocorre pela TV, revistas e Internet.

Assim, os milenares valores tradicionais judaicos e sua cultura se vêm aclimatando na sociedade brasileira em geral, acrescentando um pouco mais ao caldo de cultura prevalente no Brasil, o que se observa nas diversas comunidades que integram o mosaico deste país.

Outro fator que contribuiu para o esvaziamento da escola judaica é o aumento dos casamentos em que um dos cônjuges não é judeu, isto se supusermos aritmeticamente que metade destas famílias educa seus filhos fora da tradição judaica. 50% parece um valor baixo, mas, na verdade, ele parece ter aumentado, pois, no passado, poucos eram os filhos de casamentos “mistos” que se mantinham na religião judaica.

Em que pese uma campanha sistemática na mídia, significativas parcelas da opinião pública não se deixaram contaminar, havendo um genuíno interesse mundial pelo Judaísmo e Israel, evidenciado no apoio de significativas forças vivas do mundo ocidental, sejam políticas ou religiosas.

Aparentemente, não foram até hoje realizados censos confiáveis sobre esta temática, não havendo dados estatísticos, podendo-se apenas inferir que a maioria dos lares de linhagem judaica tem pelo menos um integrante não-judeu.

O percentual dos chamados casamentos inter-religiosos cresce continuamente ano a ano, não se tratando de um fenômeno brasileiro, e sim mundial.

Não seria surpreendente tampouco se um levantamento constatasse que apenas um pequeno percentual dos judeus brasileiros já esteve em Israel, contrapondo-se ao crescente fluxo turístico de cristãos

em geral, e evangélicos em particular.

Assim, vemos que não passa de uma balela o mito antisemita de que *judeus são um grupo fechado; não se misturam*, o que muitos, por desconhecimento, ainda acreditam possa ser verdadeiro...

No Brasil holandês, os judeus ajudaram a então colônia a prosperar na indústria do açúcar e, sob a liberdade de crença, construíram a sinagoga Kahal Zur Israel em Recife, a capital holandesa conhecida como *Mauritsstad* ou Cidade Maurícia, o maior símbolo do judaísmo brasileiro, testemunha silenciosa de que a “Gente da Nação”, de que falava o historiador pernambucano José Antônio Gonsalves de Mello, ele mesmo um cristão-novo, afinal venceu. Fechada há 350 anos pela intolerância, foi reaberta em 2002, na Rua do Bom Jesus, antiga Rua dos Judeus.

Assim, não é dos tempos modernos que os judeus brasileiros vêm dando a sua contribuição à pátria, com suas escolas, suas sinagogas e centros de cidadania que formam bons brasileiros.

Quantos patrícios hoje estariam cientes de que em suas veias possivelmente corre um infinitésimo do sangue de um remoto antepassado cristão-novo? E que se podem orgulhar disso?

(\*) Brasileiro de primeira geração, engenheiro do BNDES e professor da UFF (Niterói). Autor de “Soldados que vieram de longe”(AHIMTB/FIERG 2008).

ibljaj@telecom.uff.br | ibraj@hotmail.com

# ESCOLAS JUDAICAS NO BRASIL









# MINHA VIAGEM A ISRAEL

FLORIANO PESARO \*

Em 2011, finalmente consegui obter um retrato fidedigno e profundo deste surpreendente e singular Estado Judeu. A partir do honroso convite que recebi do Congresso Mundial Judaico (WJC) e da Embaixada de Israel para participar do Encontro Internacional de Parlamentares Judeus, pude organizar uma visita técnica, que me deu a oportunidade de conhecer todas as fronteiras de norte a sul do país, pessoas da sociedade israelense, seu exército, seus maiores dirigentes políticos e empresariais, alguns *kibutzim*, além do importante Congresso de Parlamentares Judeus do mundo todo.

Tive a oportunidade de conhecer e conviver com uma típica família israelense, formada por pessoas lá nascidas e cujo perfil militar possibilitou um conhecimento específico da região do Golã, o que me ofereceu um maior entendimento da importância estratégica destas famosas colinas. A visita familiar propiciou que eu me encontrasse com o prefeito do Conselho Regional Eshkol, que nos explicou sobre a tensão que a população próxima a Gaza vivencia cotidianamente com o constante ataque de foguetes Quasam.

Particpei de uma iniciativa municipal de pais de jovens voluntários que realizam rondas noturnas, chamadas de Patrulha Civil, ajudando a municipalidade de Rosh Ha'ain a acompanhar o desenvolvimento saudável de seus jovens durante as noites.

Ao percorrer este pequeno país, suas fronteiras e seu interior, alguns pontos foram muito impactantes: Israel convive com uma realidade geográfica extremamente limitada e cercada de oponentes nas mais dis-



tintas fronteiras. Esta situação implica a necessidade de um exército de defesa realmente eficaz e pronto em seu tempo de respostas, mas, principalmente, a absoluta necessidade de buscar a viabilidade de um plano de paz que não deixe o país refém da permanente ameaça de ataques inimigos. Outro fato impressionante foi a modernidade de um país tão jovem, percebida em cada pólo tecnológico, em cada pequena cidade com suas estruturas básicas estabelecidas, expressa nas suas modernas estradas, nas alternativas energéticas, nas construções, na reciclagem e até na preservação da memória do seu povo através de seus modernos museus.

Porém, não há como ignorar a emoção de visitar a cidade sagrada das religiões ocidentais. Jerusalém, com seu caos populacional, com sua diversidade e importância religiosas, com seus marcos históricos, com uma população típica de orto-

doxos, imprime em nós uma noção e um respeito pelo sagrado que transcende a racionalização. Uma emoção sem fim. Reconheço que seria difícil legislar ou decidir qualquer papel desta cidade neste contexto geopolítico. Em encontro com seu Prefeito, Nir Barkat me contou que a Cidade Santa pretende aumentar em três vezes o número de turistas, ou seja, mais de 10 milhões de pessoas de todo o mundo por ano. Prova da sua exuberância e vitalidade como cidade de todas as religiões, de todos os povos, uma cidade cosmopolita.

Além disso, a oportunidade de conviver e tratar de questões fundamentais para o povo judeu exatamente nesta vila milenar foi algo além de qualquer expectativa. Durante três dias, estive reunido em Jerusalém com os mais importantes legisladores de origem judaica do mundo, em ambientes emblemáticos como o lendário hotel King David e a *Knesset*

(o Parlamento Israelense). O Encontro Internacional dos Parlamentares Judeus em Jerusalém se reuniu para discutir as seguintes propostas:

- Promover um diálogo frequente e um sentido de fraternidade entre legisladores e porta-vozes judeus;
- Apoiar os princípios da democracia, promover a causa dos direitos humanos e defender o domínio das leis;
- Combater o racismo, o antissemitismo, a xenofobia, o terrorismo e a negação do Holocausto por todos os meios disponíveis aos parlamentares e representantes;
- Apoiar Israel, conduzir o diálogo de questões políticas entre os parlamentares judeus e a liderança política israelense e contribuir para a criação de uma paz duradoura no Oriente Médio;
- Garantir o bem estar, tanto material quanto espiritual, dos judeus e das comunidades judaicas no mundo todo.

Tive a oportunidade de ouvir pessoalmente importantes dirigentes da política israelense, como o vice primeiro-ministro de Israel Moshe Ya'alon, o presidente da *Knesset* Reuven Rivlin, o Ministro da Educação Gideon Sa'ar, a Ministra de Cultura e Esportes Limor Livnat, o Ministro de Diplomacia e Assuntos da Diáspora Yuli Edelstein, o Ministro da Justiça Yaacov Neeman, o membro da oposição e ex-Ministro das Finanças e Justiça Meir Sheetrit, e o membro do congresso americano, o republicano Gary Ackerman, hoje presidente emérito do ICJP, entre outros.

Após intensas e profundas abordagens, aprovamos por unanimidade, no Conselho Internacional de Parlamentares Judeus, as seguintes orientações oficiais:

- O pedido para que a ONU reforce e aplique sanções ao Irã e responsabilize este país pelo incitamento à destruição total de Israel;

- O apoio à implementação de dois estados para dois povos na região com o reconhecimento de Estado Judeu como a pátria do povo judeu e o estado da Palestina como a pátria do povo palestino;

- O chamamento às autoridades internacionais para que intervenham junto ao Hamas e às autoridades palestinas no sentido de libertar Gilad Shalit;

- O repúdio ao unilateralismo da declaração do Estado Palestino a ser apresentado na Assembleia Geral das Nações Unidas, em setembro de 2011.

Enfim, esta é só uma sumarização dos distintos tópicos discutidos e referendados. Não posso deixar de lembrar a honra que me foi concedida ao ser escolhido membro do Comitê Geral do Conselho Internacional de Parlamentares Judeus como o representante da América Latina. Em meio a tantos nobres deputados e senadores, coube-me assumir um posto reservado a apenas uma dezena de pessoas. Isto me enobrece, mas também aumenta minha responsabilidade como representante do povo judeu.

Termino, relatando o misto de tristeza e revolta, emoção e respeito, que senti ao conversar pessoalmente com Noam Shalit, pai do soldado sequestrado, próximo a Gaza, Gilad Shalit. É inconcebível que Israel e seus cidadãos tenham que ser alijados dos direitos mais básicos internacionais e que organismos como a Cruz Vermelha e todos os demais órgãos de direitos humanos menosprezem esta situação bárbara que ocorre já há mais de cinco anos.

Realmente, posso dizer que nunca imaginei conhecer *Eretz Israel* de forma tão profunda e humana. Meu compromisso de defender este país e este povo hoje assumiu uma importância maior. Sem dúvida, buscarei representar a América Latina condignamente neste intercâmbio com parlamentares do mundo todo e, na esfera pessoal, sinto-me mais embaixado intelectualmente para usar a tribuna em defesa do Estado de Israel e do povo judeu.

(\*) Floriano Pesaro - Vereador  
Tel.: (11) 33964664 ou 33964955  
www.floriano45.com.br  
Twitter: <http://www.twitter.com/floriano45>



# JUDERIAS DA ESPANHA, PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE

*Córdoba, Segóvia, Toledo, Ávila e Cáceres conservam com orgulho bairros onde viveram os judeus na Idade Média*

FLAVIO BITELMAN \*

Símbolos da chamada Época de Ouro dos judeus na Península Ibérica, *as juderias*, bairros habitados pelos sefaraditas durante a Idade Média, fazem de Córdoba, Segóvia, Cáceres, Toledo e Ávila roteiro obrigatório para quem quer conhecer o tesouro urbanístico, arquitetônico, histórico e artístico que credenciou essas cidades à categoria de Patrimônio da Humanidade. Durante nada menos que 800 anos, cristãos, judeus e muçulmanos conviveram de modo harmônico na Espanha, o que resultou num precioso legado multicultural que o governo preserva e divulga com entusiasmo.

## CÓRDOBA

Na ensolarada Andaluzia – nome que provém do árabe Al-Andaluz, com o qual os conquistadores islâmicos

batizaram a Península Ibérica no século VIII - quase sempre associada às vigorosas cenas de touradas e dança flamenca, o bairro judeu de Córdoba reserva tesouros inigualáveis. Símbolo da secular atividade comercial do povo judaico, Zoco, o mercado municipal, se abre aos visitantes por meio de um arco emoldurado por ladrilhos. O lugar reproduz o espaço onde, no século X, os comerciantes expunham suas melhores sedas, perfumes e especiarias. Perto dali, no coração da *juderia* de Córdoba, a intimista Praça de Tiberíades revela a estátua de um dos luminares de toda a humanidade, Maimônides, ou melhor, Moshé ben Maimón (1135-1204), cidadão cordobês cuja genialidade o fez destacar-se em Ciências como Medicina, Astronomia, Física, Matemática e Filosofia.

Ainda nos arredores, uma visita à Sinagoga de Cór-

Córdoba







doxa exibe a mais bem conservada das casas de oração dos judeus da Idade Média de toda a Espanha. Erguida em 1315, a construção jamais foi alterada e contém belíssimos 'atauriques' – ornamentos que formam estrelas de quatro, seis e oito pontas, em destaque sobre vegetação em estilo mourisco. Para os que ainda não conseguiram visualizar o modo de vida dos sefaraditas, a *Casa Sefarad*, ou Casa da Memória, reconstituiu, em oito salas, os hábitos e modos de vida mais significativos dos judeus.

Ainda que a jornada exija agilidade, não há como deixar o solo cordobês sem conhecer o Alcázar dos Reis Cristãos, obra do rei Alfonso XI, 'o justiceiro', construída em 1328. De hospedaria a palácio real, passando por sede da malfadada Inquisição e prisão militar, o conjunto arquitetônico dispõe de jardins que dividem sua beleza com sucessivos lagos.

### SEGÓVIA - Mosaico cultural

Bem mais ao norte, a 90 quilômetros de Madri, Segóvia alia belas paisagens, clima ameno e gastronomia que a tornam mais do que especial. Foi nessa cidade que os judeus experimentaram uma convivência tranquila com cristãos e muçulmanos por cerca de 300 anos. Desde que se instalou na região, provavelmente no século XII, a população sefaradita encontrou acolhimento tal que lhe permitiu disseminar-se por diversos bairros. Tudo começou a mudar a partir de 1480, sob determinação dos



O autor ao lado da estátua de Maimonides em Córdoba



Casa do líder Abraham Senneor

Reis Católicos Fernando de Aragão (1452/1516) e Isabel de Castela (1451/1504), que obrigaram judeus e muçulmanos a se concentrarem em comunidades fechadas.

Líder das congregações judaicas de toda a Espanha, um personagem sobressai na história peninsular: é Abraham Senneor (1412/1493), conselheiro da rainha, encarregado das finanças do reino e grande articulador das negociações que precederam o casamento de Fernando e Isabel (1489), de cuja boda ele foi padrinho. Homem de confiança absoluta da nobreza, Senneor foi figura chave para garantir o trono a Isabel I, que teve de enfrentar sérias disputas com Joana, princesa de Astúrias e filha de Henrique IV (1425/1474), meio-irmão da rainha e soberano de Castela e Leão antes dela.

Quando, em 1492, os Reis Católicos assinaram o decreto de expulsão dos judeus, Senneor, então com 80 anos, se converteu ao catolicismo, assim como toda sua família, passando a se chamar Fernando Pérez Coronel. A cerimônia, que teve Fernando e Isabel como padrinhos, foi celebrada no Monastério de Guadalupe. A belíssima casa onde o grande líder judeu passou sua vida foi preservada e é um dos destaques em Segóvia.

Outra visita interessante é à Sinagoga *Mayor*, hoje Igreja de Corpus Christi, na confluência da praça de mesmo nome com a rua *Judería Vieja*, que exhibe belíssimos capitéis adornados por pinhas e volutas. Na Casa *Mudéjar*, que funciona como hospedaria e restaurante, o saboroso encontro com delícias gastronômicas como a *tosta sefardi*.

### TOLEDO - Uma cidade dentro da cidade

Tido como uma cidade dentro de outra cidade, o bairro judeu de Toledo ocupa 10% da parte amuralhada. Ganhar as ruas e ruelas muitas vezes labirínticas requer disposição, totalmente recompensada pelas riquezas culturais e arquitetônicas. A grande sala de oração da Sinagoga do Trânsito, por exemplo, convida à introspecção e à fruição da beleza na forma da mais fina carpintaria medieval toledana, recobrando teto e paredes. Na Sinagoga de Santa María La Blanca, edificada no século XII, cinco naves de alturas decrescentes são separadas por pilares ricamente adornados. Novamente aqui, o templo foi tomado por cristãos em 1411 e convertido em igreja.

Considerado um dos monumentos de maior relevância do mundo, a Catedral de Toledo, iniciada em 1226 e con-



cluída no fim do século XV, constitui um arrebatamento dos sentidos. No estilo gótico, desdobra-se em cinco naves e demanda uma visita em duas etapas, tamanha riqueza artística. Na sacristia, obras de Diego Velázquez (1599/1660), Ticiano (1490?/1576), Francisco de Goya (1476/1828), Peter Paul Rubens (1577/1640) e Rafael (1483/1520).

### ÁVILA - das nove portas

Assim como Toledo, Ávila tem seu núcleo histórico rodeado por muralhas, espetacular obra arquitetônica datada do século XII, cujos dois quilômetros e meio de perímetro são entremeados por nove magníficas portas (Alcácer, Peso de La Harina, San Vicente, Mariscal, Carmen, San Segundo, Malaventura, da Santa ou Montene-



Toledo





Ávila

gro e do Rastro). Na Calle de Santo Domingo, eixo central do bairro judeu, lembranças das casas onde eram exercidas algumas das principais atividades dos sefarditas da época medieval, muitas relacionadas à arte de confeccionar vestimentas e sapatos.

### **CÁCERES e seus labirintos**

A *Judería Vieja* e a *Judería Nueva* mantiveram as feições que fizeram do bairro judeu de Cáceres um populoso agrupamento, que chegou a contar com 130 famílias conforme registros de 1479 – muito significativo se comparado à população total de cerca de mil pessoas. A arquitetura religiosa é tão rica que basta cruzar uma esquina para encontrar uma preciosidade. A Ermida de Santo Antônio, obra do século XV, tipifica bem o amálgama peninsular de culturas: originalmente uma sinagoga, com a cristianização da região, foi transformada em templo cristão. No retábulo, Santo Antônio de Pádua, São João Batista e a Sagrada Família ocupam o lugar onde, em tempos idos, judeus se reuniam para suas orações.

No bairro de San Antonio casas de sefarditas conservam a estrutura original, num dos poucos casos de mínima intervenção arquitetônica. À noite, um passeio



Cáceres



pela chamada Cidade Monumental arrebatava o visitante. É a Espanha em toda a sua essência multicultural, um legado da tradição que o país faz questão de preservar, uma forma de tornar a história viva.

(\* ) O autor é engenheiro e mestre em administração pela Universidade de São Paulo e pelo Massachusetts Institute of Technology

# MAIMÔNIDES, O SÁBIO JUDEU

LÉA VINO CUR FREITAG \*

**C**órdoba, na Andaluzia, terra de Maimônides, é uma cidade grandiosa, que foi o centro da cultura islâmica na Idade Média. Num certo período, judeus, cristãos e muçulmanos puderam conviver em paz nesse local de grande beleza arquitetônica.

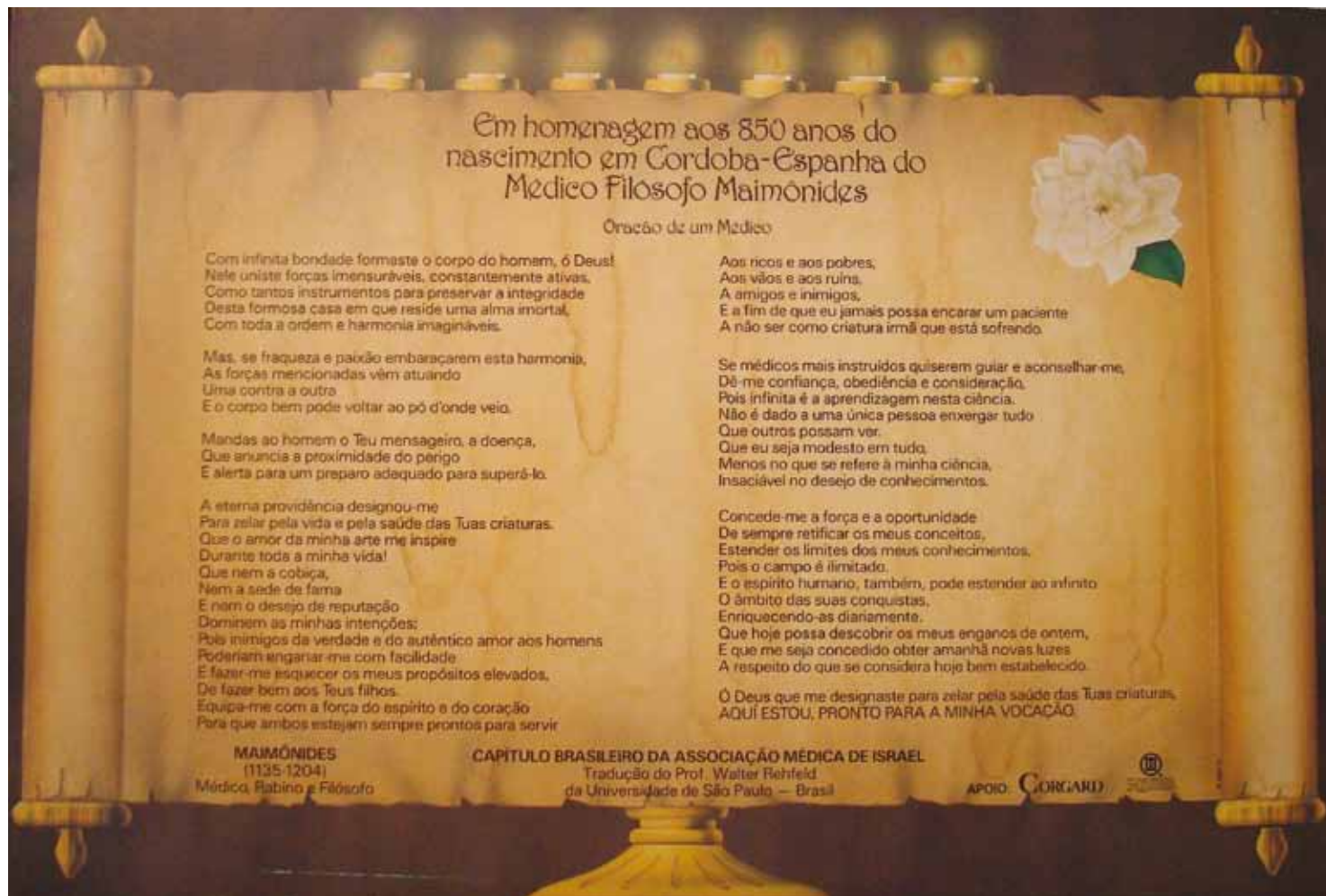
A memória de Maimônides (*Rabi Moshé ben Maimon* ou *Rambam*) é cultuada com uma grande estátua, visitada por estudiosos e turistas - ainda é costume tocar no pé da estátua, para ter saúde. O grande rabino, médico e filósofo nasceu em Córdoba (1135), morreu no Egito (1204) e produziu sua obra também em Marrocos. O túmulo encontra-se atualmente em Tiberíades, no Estado de Israel, onde está gravado: "De *Moshé* (Moisés) a *Moshé* (Maimônides) nunca houve ninguém como *Moshé*."

Em 1985, realizou-se a comemoração dos 850 anos de nascimento de Maimônides. Nesse ano, o Capítulo Brasileiro da Associação Médica de Israel era presidido pelos médicos Bernardo Akerman e Lúcia Felmanas Akerman,

que organizaram a homenagem. Foi oferecido, a cada sócio, um lindo quadro da "Oração de um médico" de Maimônides, em primorosa tradução do hebraico, elaborada pelo Prof. Walter Rehfeld, da Universidade de São Paulo.

Maimônides formulou os treze princípios de fé. O décimo segundo é *ani maamin* (Eu acredito), melodia que costume incluir no repertório de canto: "Eu acredito na vinda do Messias, de todo o coração, ainda que tarde." Entoando esse canto, os judeus eram encaminhados à câmara de gás, nos campos de concentração nazistas.

Uma das obras importantes de Maimônides é "O Guia dos perplexos" (*Moré Nevuchim*), de 1190, concluída após dez anos de trabalho. Trata-se da resposta a um discípulo, que se considerava "perplexo" quanto à compatibilidade entre as ideias de Aristóteles e de filósofos gregos em relação à *Torá*. Outra contribuição relevante é a introdução à *Ética dos Pais* (*Pirké Avot*), um compêndio fundamental para a compreensão dos valores judaicos.





Os trabalhos de Maimônides na área médica evidenciam o conhecimento de autores árabes (Avicena e Averróes), além dos gregos (Hipócrates, Galeno e Aristóteles). Ele dividiu a Medicina em especialidades, como a preventiva, a curativa e aquela que se destinava a inválidos e idosos. Sempre combateu o uso da feitiçaria e dos amuletos. Suas obras destinavam-se a eruditos, mas também eram acessíveis às pessoas mais simples.

Em seus escritos, Maimônides demonstra preocupações bastante contemporâneas: evitar a poluição e procurar ambientes arejados, inclusive no tratamento de doenças respiratórias – afirmando que o ar da cidade nem sempre era adequado à saúde.

Uma área valorizada pela Medicina contemporânea é a psicossomática – Maimônides já observava a importância das emoções não controladas na gênese de doenças físicas, a somatização. Para manter a saúde, eram recomendados, além dos medicamentos, os banhos, a atenção à moradia, o clima ameno, a atividade sexual, a dieta, além dos vinhos.

O grande médico aconselhava: não deixe que nada que possa ser tratado por dieta seja tratado por outros meios. Mantendo a saúde física, o espírito também se eleva e tem condições de conhecer D'us, o que não ocorre quando o homem está enfermo ou faminto.

Maimônides vivia em Córdoba, quando a cidade foi tomada pelos *almohads*, que pregavam a restauração da fé islâmica – os judeus que não se converteram ao

Islamismo foram expulsos. O pai de Maimônides, Rabi Maimon, líder da comunidade judaica de Córdoba, levou a família para várias cidades durante a perseguição. Nesses anos, Maimônides escreveu as primeiras obras.

Em 1159, a família chegou a Fez, no Marrocos, onde permaneceu por cinco anos. Nesse período, Maimônides estudou Medicina e *Torá* e, sempre sob difíceis condições, compilou dados para os seus trabalhos.

A perseguição recomeçou em 1164 e a família deixou Fez, chegando a Fostad, antiga capital do Egito, próxima ao Cairo, em 1166. Alguns anos após estudos intensivos, *Rambam* alcançou uma carreira de sucesso, chegando a ser médico do sultão Saladino. Tornou-se Rabino Chefe do Cairo, completou a obra *Mishné Torá* e, posteriormente, o *Moré Nevuchim*.

O *Mishné Torá* é composto por 14 livros, com 982 capítulos contendo milhares de leis. Expõe a legislação bíblica e talmúdica e tem sido a base para a codificação das normas judaicas.

Nesse contexto, a Era Messiânica seria o mundo que conhecemos hoje, sem a corrupção da natureza humana. O Mundo Vindouro, o *Olam haBá*, é descrito como o mundo da vida eterna. Para o profeta Isaías, “morará o lobo com o cordeiro”.

(\*) A autora é da diretoria do AHJB, professora titular pela USP (Comunicações e Artes) e doutora em Ciências Sociais. Escreveu “Momentos de Música Brasileira”.

## Colaborações e artigos inéditos são muito bem vindos

Podem ser enviados à Redação por e-mail ou CD, em arquivos de extensão “doc” ou “txt”. As referências bibliográficas obedecem às disposições normativas da ABNT-NBR 6023. Fotos e ilustrações devem ser escaneadas em 300 dpi.

Apreciamos sugestões e aceitamos também críticas construtivas. O envio é para [ahjb@ahjb.com.br](mailto:ahjb@ahjb.com.br)  
O endereço do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro é  
Rua Estela Sezefreda, 76 - CEP 05415-070, São Paulo - SP



# DR. YOSEF EFENDI CARMONA: "O DREYFUS OTOMANO"

PROF. REUVEN FAINGOLD\*

*Certamente, todos ouviram falar do caso Dreyfus, a história de um oficial judeu do Estado Maior na França, acusado de ter passado segredos militares à Alemanha em 1894. Alfred Dreyfus foi julgado e sentenciado à prisão perpétua na Ilha do Diabo, na Guiana Francesa. No entanto, poucos conhecem outro episódio do antissemitismo moderno, ocorrido em Constantinopla no fim do século XIX. Como no Affaire Dreyfus, também no Affaire Carmona foi cometida uma grande injustiça, mas, desta vez, passaram-se 22 anos para remediar o dano ocasionado.*

## MORTES E ACUSAÇÕES

Em 1886, num quartel militar na cidade de Adrianópolis, na Turquia, servia como médico do exército turco-otomano o judeu Yosef Efendi Carmona. Certo dia, cinco soldados turcos morrem por envenenamento; mas as razões que levaram a tal fatalidade nunca foram esclarecidas. Propositadamente, dois médicos de origem turca teriam denunciado o Dr. Carmona, acusando-o pela morte dos soldados. Diante destes acontecimentos, o médico judeu foi rapidamente detido e conduzido a julgamento militar em Constantinopla.

A corte militar responsabilizou criminalmente o Dr. Carmona pelo envenenamento, sentenciando-o à prisão perpétua, não sem antes realizar a tradicional cerimônia de degradação de honrarias militares e afastá-lo de forma definitiva das filas do exército turco. Yosef Carmona afirmava de forma categórica que era inocente, tal qual o faria Dreyfus oito anos depois. Solicitou novo processo, mas em vão; pois nada fez o júri turco mudar de idéia.

Somente em 1908, quase 20 anos depois, com a chegada da "revolução dos jovens turcos", a situação do Dr. Carmona foi mudando. A revolução que atravessava a Turquia possibilitava a revisão de processos anteriores, mesmo aqueles cujo tempo havia expirado. A reavaliação do julgamento deixou claro que, na ocasião, não havia suficientes provas para condenar Carmona. Sendo assim, ficou configurado um erro jurídico na sentença final, erro este que, uma vez revogado, lhe permitiria viver em plena liberdade.

Assim, após revisão da pena, o Dr. Yosef Efendi Carmona deixou de ser um homem anônimo, sendo elogiado na mídia pela luta pessoal para recobrar sua reputação, principalmente no âmbito militar, carreira à qual havia dedicado anos de sua vida e investido grandes esforços.

A notícia de sua inocência foi correndo rapidamente pelas ruas das comunidades judaicas dos Bálcãs. A alegria era enorme não só em Adrianópolis e Constantinopla, mas em Salônica, cidade em que morava o irmão do Dr. Carmona; como também na Bulgária, país onde moravam outros familiares.

No Império Turco-Otomano, circulavam 300 jornais em judeo-espanhol, 1/3 deles em Salônica. Dentre eles, *La Époque* (1875) era o porta-voz de idéias ilustradas. *El Avenir* era também dos mais lidos. A revisão completa do processo Carmona foi impressa em 1909 no jornal *La Époque*. O editor-chefe era Shmuel Saadia Ha-Levi, que registrou, em diversos artigos e suplementos, a biografia do Dr. Carmona. Foi ele quem difundiu o nome "*El Dreyfus otomano*", uma vez que o processo do militar francês já havia acontecido em 1894. Tecendo uma comparação, Shmuel Ha-Levi fez tarefa idêntica àquela que coube em Paris ao renomado escritor francês Emile Zola.

Aproveitando o auge do episódio, Shmuel Ha-Levi publicou também um pequeno livro de 48 páginas com o texto completo que figurou no jornal. Na introdução à obra, e mesmo sem mencionar o nome do Dr. Carmona, Ha-Levi colocou o seguinte: "*Sem Tov Arditi escribió una novela sobre Dreyfus. Nosotros también tenemos un Dreyfus nuestro, el Dreyfus otomano*".

Na sua novela, Arditi lembra que Alfred Dreyfus esteve cinco anos preso na Ilha do Diabo; enquanto o *Dreyfus otomano* lutou por mais de 22 anos por sua inocência.

## CARMONA E DREYFUS – DIFERENÇAS

A vontade de comparar o caso Dreyfus com o caso Carmona é justificada, mas é fundamental registrar as principais diferenças existentes entre os dois processos abertos contra estes dois judeus (apenas pelo fato de

serem judeus) dentro de um curto espaço de tempo.

No caso do Dr. Carmona, não houve nenhuma acusação de traição. A morte dos cinco soldados criou uma animosidade e um ódio de seus colegas turcos. Mesmo não ficando comprovado qualquer sentimento antijudaico entre os governantes, não houve na Turquia nenhum envolvimento ou intervenção do Estado-Maior. O estado turco, caracterizado por uma política centralizadora e absolutista, evitou qualquer tipo de manifestação antissemita por parte de organizações ou instituições. Em Constantinopla, os jornais e revistas não podiam publicar matérias destilando seu veneno contra as comunidades judaicas do país, tal qual o fizeram os jornais franceses. Nas cidades do Império Otomano, não houve gritos de “morte aos judeus”, como aconteceu em Paris e outras cidades europeias.

No início do processo, a repercussão do “Caso Carmona” não foi grande. A mídia local não noticiou quase nada nas manchetes dos jornais. Na cidade de Adrianópolis, lugar de nascimento do médico judeu, pouco se sabia do andamento do processo que corria no fórum de Constantinopla. Ao voltar o Dr. Carmona à sua cidade natal, praticamente tudo havia sido esquecido: ninguém interferiu nas suas atividades de médico nem nos inúmeros pedidos dele para rever seu processo. Contrariamente, o “Caso Dreyfus” teve uma repercussão incrível na França e na Europa; gerou um forte antissemitismo que levou ao surgimento do movimento de libertação nacional dos judeus através do sionismo político de Theodor Herzl. O desfecho do oficial judeu-francês teve também consequências políticas nocivas e significativas para a França republicana.

### PERSONAGENS ANÔNIMOS

Como registramos anteriormente, o episódio envolvendo o médico Yosef Efendi Carmona teria ficado no anonimato não fosse o jornal *La Époque*, responsável por

noticiar o desenrolar do dito processo. O editor mencionado, Shmuel Saadia Ha-Levi, focou tudo na pessoa de Carmona, mesmo não divulgando dados essenciais da vida do médico de Adrianópolis. Em outras palavras, não sabemos quando nasceu; quem eram seus pais, onde estudou Medicina ou o que o teria motivado a trabalhar como médico seguindo carreira militar.

Faltam também dados relevantes vinculados com o próprio envenenamento dos soldados turcos. Descobrimos tanto os nomes dos médicos que o acusaram como os daqueles que testemunharam em falso na corte. Também ignoramos o nome verdadeiro do oficial que o acusou e comandava o quartel onde tudo aconteceu. Ainda, os familiares do Dr. Yosef Carmona são um verdadeiro enigma.

Há um único personagem que aparece permanentemente no “*Affaire Carmona*”. Ele é o Dr. Ajiman, um médico judeu que atendeu Yosef Carmona quando este ficou muito doente no decorrer do processo. Quando Carmona solicitou a revisão de seu processo em liberdade em 1908, o Dr. Ajiman já havia falecido. A empatia entre ambos os médicos tem uma única explicação: Tudo indica que o Dr. Ajiman passou por uma experiência bastante similar àquela de seu paciente, Dr. Carmona. Numa das tantas conversas entre ambos, ele confessou “saber exatamente o que você [Dr. Carmona] está experimentando”.

A “revolução dos jovens turcos”, liderada pelo futuro primeiro presidente da Turquia democrática, Mustafá Kamal Atatürk (1881-1938), foi determinante no destino de Carmona; gerando uma crítica em torno das decisões falhas no período dos sultões.

Shmuel Ha-Levi era um jornalista de prestígio e foi porta-voz do profundo desprezo que sentia a sociedade turca pelos governantes. Numa de suas tantas abordagens políticas, Ha-Levi coloca abertamente o seguinte trecho:

“Adrianópolis, 1886. O governo turco-otomano era



Expulsão de Dreyfus do exército francês



Major Dreyfus



Kemal Atatürk



Família Carmona  
originária de Izmir  
em S. Paulo.  
Fonte: Fototeca/AHJB.

podre (corrupto), muito mais do que a mente pode imaginar. A revolução (1908) conseguiu mudar a vida de todos; e, de um dia para outro, a Turquia passou das trevas à luz, da tristeza para a alegria, da escravatura para a redenção.”

#### DR. CARMONA FOI VÍTIMA?

Os dados levantados até agora não nos permitem traçar um perfil completo do Dr. Carmona, ficando difícil afirmar se ele foi uma vítima ou não do regime totalitarista otomano. Não obstante, resulta evidente que, em 1886, Yosef Efendi Carmona era ainda muito jovem e tinha pela frente uma carreira promissora.

Em 1908, durante o arquivamento do processo, “os cabelos de Carmona já haviam embranquecido, sua testa tinha manchas e as marcas do sofrimento e da dor estavam desenhadas em seu rosto”.

Dr. Yosef Carmona descendia de uma família de rabinos, presentes em Adrianópolis durante várias gerações. Uma fonte turca informa que, na hora em que foi levado até Constantinopla para responder a seu processo, ele pediu para se despedir de familiares já sepultados. No cemitério da cidade, lugar em que repousam os restos de seus ancestrais, descansa também uma moça de 18 anos de idade que seria sua única filha.

O Dr. Yosef Efendi era um homem bom e um excelente profissional. Os familiares de Constantinopla eram influentes no governo e possuíam uma situação financeira estável; porém nada puderam fazer a seu favor. Somente

duas décadas depois, conseguiram redimir seu parente com ajuda de algumas pessoas relacionadas com os círculos revolucionários turcos.

Ao ser inocentado e libertado definitivamente, o Dr. Yossef Carmona foi entrevista-

do no Ministério da Justiça. Não era mais um jovem. Lamentavelmente, era tarde demais para aceitar o arrependimento do Estado. Afinal, o dano causado era grande, irreversível e imperdoável.

#### BIBLIOGRAFIA

Barnai, Jacob, *The Jews in Palestine in the Eighteenth Century*, Tuscaloosa, University of Alabama Press, 1992.

Elimelech, M.G., *Dr. Carmona: O Dreyfus Otomano*. **ÊT-MOL 13**, fasc. 5 (2), Tel Aviv 1977, págs. 8-9.

Gilbar, G. (ed.), *Ottoman Palestine 1800-1914: Studies in Economic and Social History*, Leiden, Brill, 1990.

Halevi, Shemuel Saadia, *El Dreyfus Otomano*. Salónica 1908-1909. SML (Seção de Microfilmes). Yale University Library. (Fiche B2561).

Rodrigue. Aron, *French Jews, Turkish Jews: The Alliance Israelite Universelle and the Politics of Jewish Schooling in Turkey, 1860-1925*, Bloomington, Indiana University Press, 1990.

Shaw, Stanford J., *The Jews of the Ottoman Empire and the Turkish Republic*. Reprint edition, New York 1993.

(\*) O autor é historiador e educador; Doutor em História e História Judaica pela Universidade Hebraica de Jerusalém. Professor no Colégio Iavne e na pós-graduação no Departamento de Artes Plásticas da FAAP em São Paulo e Ribeirão Preto. É também fundador da Sociedade Genealógica Judaica do Brasil e, desde 1984, membro do Congresso Mundial de Ciências Judaicas, em Jerusalém.



# Um livro e duas abordagens

ABRAHÃO GITELMAN \*

Em número recente do nosso Boletim, mencionamos uma antiga obra de pesquisa folclórica de canções em iídiche do princípio do século, de Ginzburg e Marek, da qual havíamos tomado conhecimento apenas por citações<sup>1</sup>. Coincidentemente, logo após a publicação da revista, o Arquivo recebeu a doação do livro<sup>2</sup>. É uma bela edição *facsimilar* de “*Evreiska Narodnya Piesni v’ Rossii*” (Canções Populares dos Judeus na Rússia), publicada em 1901, em São Petersburgo. A edição mais recente, uma reprodução fotográfica, foi realizada em 1991, pela Universidade Bar-Ilan, em Israel, sob orientação do Prof. Dov Noy<sup>3</sup>, (vide ilustração I - página de rosto original e ilustração II - a página de rosto da reprodução).

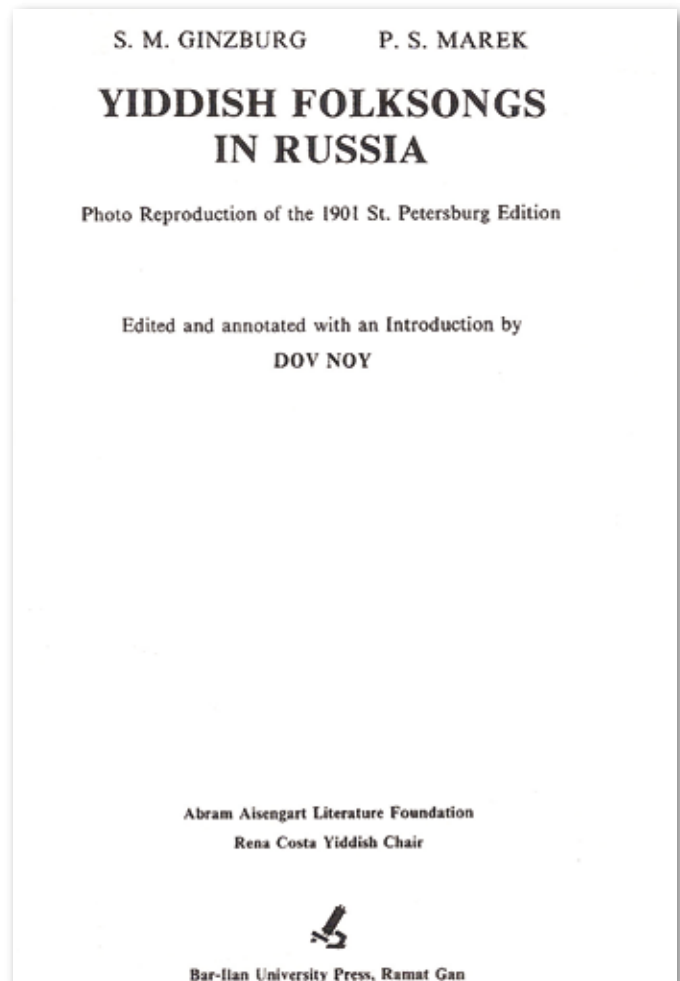
1 Vide “A canção iídiche: um olhar retrospectivo” - A.G.- Boletim do AHJB- n° 44. -junho 2011.

2 Está catalogado na Biblioteca Iídiche do AHJB, sob n° 5897.

3 O Professor Dov Noy, das Universidades Bar-Ilan de Ramat Gan, e Hebraica de Jerusalém, é conhecido no Brasil. Foi o editor do volume “Contos da Dispersão” (traduzido do hebraico), da Coleção Judaica, Editora Perspectiva, SP, 1966, uma coleção de lendas recolhidas junto aos judeus de todos os quadrantes que aportaram em Israel. Vinte anos mais tarde, em agosto e setembro de 1986, ministrou um curso de 8 aulas, em São Paulo, sobre “Folclore e Cultura Popular Judaicos”, publicado em livro pela então atuante “Associação Universitária de Estudos Judaicos”, com introdução do Professor Jacó Guinsburg.



Ilustr. I



Ilustr. II

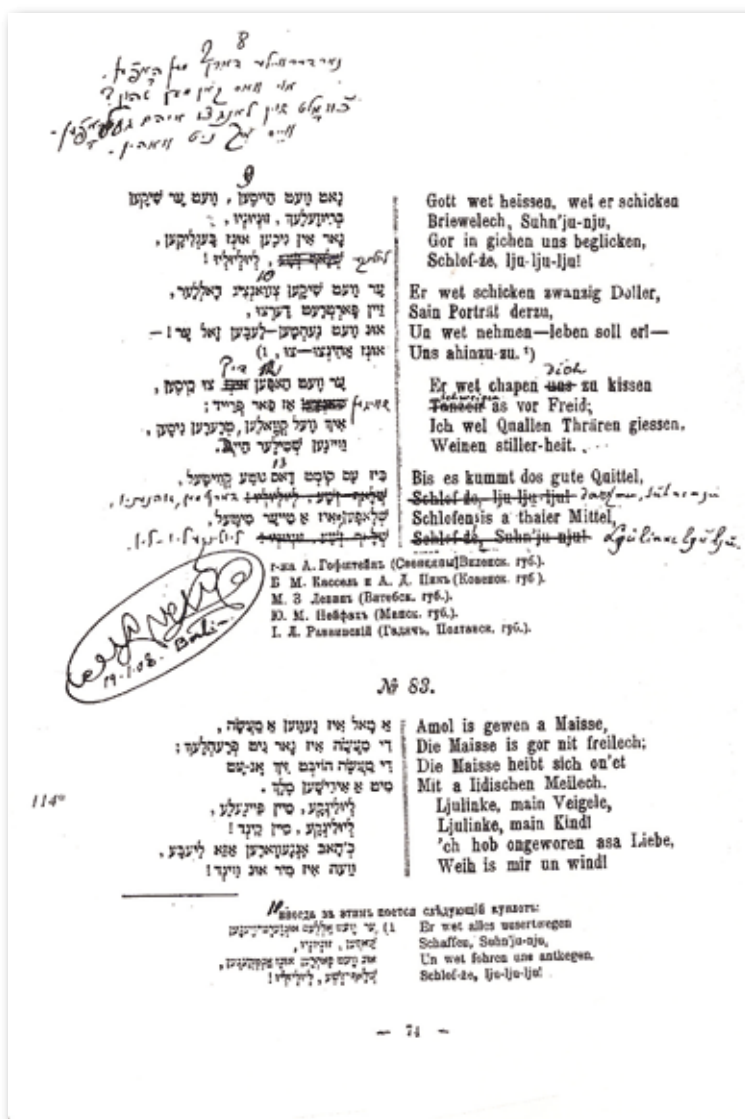
O número total de canções coletadas chega a nada menos que 376. Trata-se, realmente, de uma obra fundamental de pesquisa musicológica, literária, etnográfica, linguística, histórica e sociológica do povo judeu. Nos meios acadêmicos, a coleção já era tão bem conhecida, que bastava designá-la pela sigla: “G&M”. Shaul

Ginzburg (1866-1940) e Peissach Marek (1862-1920) haviam coletado pacientemente estas canções, desde os últimos anos do século XIX, tendo solicitado (e obtido!) ajuda através de anúncios em jornais. Finalmente, conseguiram um resultado até então inédito e que serviu de modelo para muitos outros seguidores. Os autores, embora provindo de lugares distintos (Ginzburg, de Minsk, na Bielorrússia, e Marek, do interior da Lituânia), tinham seus interesses centrados na historiografia judaica e colaboravam regularmente em revistas especializadas editadas em iídiche e em russo<sup>4</sup>.

O livro despertou o interesse imediato de compositores e intérpretes. Escritores como I.L. Peretz, Salomon An-Ski, e o insigne filólogo vienense Alfred Landau (1850-1935) dedicaram-lhe estudos aprofundados. An-Ski acabou motivado para levar a termo suas próprias expedições etnográficas.

Juntamos uma das páginas (ilustração III) desta obra de 110 anos. O iídiche ainda se escrevia com vocalização; a transliteração para o alfabeto latino é “germanizada”; as anotações complementares estão em russo. Esta página contém correções manuscritas, o que demonstra que o exemplar pertenceu a um estudioso. Embora a assinatura seja ilegível, vê-se claramente a data (1908) e o local (Berlim).

4 A produção posterior dos dois autores, constituída de ensaios, foi quase toda publicada na língua russa, mas houve traduções para o iídiche. S. Ginzburg (que chegou a emigrar para a América em 1930), escreveu entre outros: “A presença judaica na resistência russa à invasão napoleônica”, “Entre Haskalá (Iluminismo) e conversão” e “Martírio de crianças: os cantonistas (a militarização forçada de meninos judeus sob Nicolau I)”; de P. Marek, podemos citar: “A história das tipografias judaicas na Rússia” e “A Haskalá na Rússia, no período de 1844 a 1873”.



Ilustr. III



Ilustr. IV

Outro aspecto que chama a atenção (principalmente do leitor brasileiro) é a citação da fonte de onde se captaram os recursos para a reedição desta valiosa obra: a “Abram Aisengart Literature Foundation”. Ora, Aisengart foi um nome importante para o ensino do iídiche no Brasil, onde permaneceu por nada menos que 43 anos e participou ativamente nos departamentos didáticos e administrativos de escolas judaicas em São Paulo, Rio de Janeiro, Santos, Salvador e Belo Horizonte.

Nascido em 1897 na Ucrânia, formou-se no famoso Seminário de Vilna, e lecionou em vários estabelecimentos da Polônia filiados à CYSHO (sigla da Organização Central das Escolas Seculares em Iídiche, criada em Varsóvia em 1921, e que funcionou até a invasão nazista). No final dos anos vinte, juntou-se a um grupo de colegas, do qual faziam parte Peissach Tabak, Haskel Bernstein, e Betzalel Iucht. Emigraram todos para o Brasil, criando e revitalizando uma rede de escolas laicas da linha CYSHO, da qual a pioneira havia sido a “Jacob Dinenzon” de Salvador, seguida de outras em Nilópolis, Rio de Janeiro e Petrópolis.

No ano de 1930, Aisengart estabeleceu-se em Santos, onde fundou, a “I.L. Peretz”. Em 1934, assumiu a direção da recém-criada “Scholem Aleichem” de São Paulo (não confundir com outra homônima, do ICIB, instalada décadas mais tarde). Nessa ocasião, escreveu para a revista comemorativa da fundação do estabelecimento de ensino, um artigo sob o título de “A nossa bandeira de luta”, em que expõe seu credo: “(...) os imigrantes judeus, fugindo das condições difíceis de sobrevivência econômica e do brutal antissemitismo na Europa, encontraram no Brasil a dignidade e a paz desejadas, mas lembramos que os laços culturais com o passado nunca deverão ser cortados, pois neles é que reside o segredo da sobrevivência do nosso povo.”

<sup>5 e 6</sup> Não estará contido aí um conceito ainda válido?

As instituições de Santos e de São Paulo tiveram, no entanto, vida efêmera. Deixaram de existir por volta de 1940. Assim, Aisengart passou a residir no Rio de Janeiro, onde seu antigo companheiro Peissach Tabak dirigia a escola também denominada Sholem Aleichem<sup>7</sup>. Sua passagem pelo Rio foi igualmente marcada por intensa participação comunitária como se pode inferir por seu empenho, em 1944, na fundação da Biblioteca com o nome de Michal Klepfisz (um dos heróis do Levante do Gueto de Varsóvia, acontecido apenas um ano antes)<sup>8</sup>. Em 1973, Aisengart fez *aliá* para Israel, onde ainda foi bastante ativo junto ao círculo dos amantes do iídiche, até seu falecimento em 1986, no Kibutz Bror Chail, onde passara a residir. A filha, Taibele, o genro Gordon Fox e o sócio deste último, Eric Bissel, radicados em Montreal, criaram a Fundação em sua memória.

Fechamos este pequeno trabalho com uma foto inédita (ilustração IV): a classe de iídiche da Escola I. L. Peretz de Santos, datada de dezembro de 1935. A professora era Ruchale Klainman, formada pelo Seminário de Vilna e que veio da Polônia, especialmente contratada pelo corpo diretivo da escola, do qual Aisengart ainda fazia parte. Ela permaneceu no Brasil, salvando-se do Holocausto (o que não aconteceu com a maior parte da sua família), tornando-se, no devido tempo, mãe do autor destas linhas.

(\*) O autor é diretor do Departamento de Cultura Iídiche do AHJB

5 Vide “Uma escola iídiche na São Paulo de trinta” - A.G.- Boletim do AHJB-nº17- outubro de 1999.

6 *Unzer Shul* (Nossa Escola), junho de 1934 - (Fundo 53 /AHJB).

7 Alberto Dines, na sua conhecida biografia de Stefan Zweig, “Morte no Paraíso” - Editora Nova Fronteira -RJ-1981, traz interessantes referências da Sholem Aleichem/ RJ, através de suas reminiscências como aluno, quando da visita do escritor austríaco àquele estabelecimento: p. 17 e 237

8 Vide “Judeus no Brasil- Estudos e Notas” - Nachman Falbel-Editoras Humanitas e Edusp- SP-2008, p. 699.



# O Boi e a Toura

JANE BICHMACHER DE GLASMAN \*

**N**o Brasil, desde o período colonial, as festas juninas adquiriram imensa popularidade; no nordeste, maiores até que a do carnaval. Foi nessa região que se estabeleceu uma imensa população de cristãos-novos, marranos e judeus – que durante o período de tolerância, sob domínio holandês, possibilitou o desenvolvimento da primeira comunidade abertamente judaica no Brasil (tendo a maioria daqui partido no final do período e os demais, retornado à vida secreta).

Nestas festas, encontramos a figura do boi. O boi mamão da Ilha de Santa Catarina, o boi da festa dos Reis, da Festa do Divino, o boi corado, o boi mourão do Rio de Janeiro, o boi janeiro da Bahia. São tantos bois que se misturam nesta festa do sagrado e do profano. O boi que na festa surge de madeira, armado; com coroa na cabeça e veludo bordado. Um boi vaidoso, cheio de fitas e aveludado.



Até hoje, os bois são representados ou “brincados” - como seus participantes preferem chamar - em todo o território brasileiro, em diferentes épocas, com os mais variados nomes e temas. O boi é um genuíno representante da cultura popular do nosso país.

Bumba-meu-boi ou boi-bumbá é, em síntese, uma dança do folclore brasileiro, com personagens humanos e animais fantásticos, e gira em torno da morte e ressurreição de um boi. Surgiu no nordeste, mas se disseminou por quase todos os estados da Amazônia, em especial o Amazonas. Na região norte, incluindo os estados do Maranhão e Piauí, insere-se nas festas juninas.

Em sua origem, encontra-se a representação do *Monólogo do Vaqueiro* ou *Auto da Visitação*<sup>1</sup>, declamado por Gil Vicente, na noite de sete de junho de 1502, na câmara do Castelo do Rei D. Manoel I e D. Maria, dois dias depois de nascer seu filho, o futuro D. João III. Na mesma época, brincava-se em Portugal com os bois fingidos, as tourinhas, novilhos de canastra, a touras que figuravam nas festas reais e que seriam registradas por um amigo de Gil, o cronista Garcia de Resende na *Miscelânea* (1554):

Vimos grandes judarias,  
Judeus, guinolias, e touras,  
Também mouras, mourarias,  
Seus bailos, galantarias  
De muito fermosas mouras.

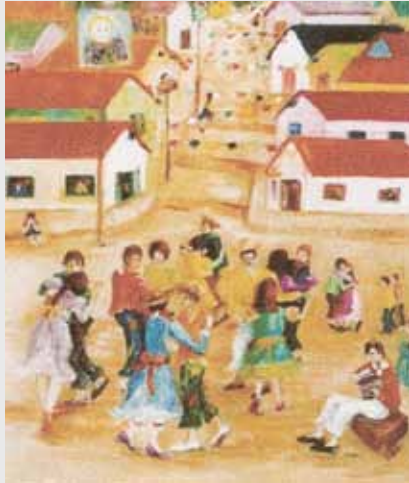
Frei Domingos Vieira (1874) descreve no verbete *tourinhas*:

“Jogo, espetáculo onde se toureiam novilhas mansas, e talvez arremedo delas, fingindo-se de touros de canastras com cabeças fingidas; os judeus costumavam dar estes divertimentos aos Reis, quando iam às terras onde havia Judiarias: estes recebimentos eram com jogos, danças, e festas.”

Acresça-se que, durante a festa de *Simchat Torá*, os rolos da *Torá* são retirados do *Aron haKodesh* (arca sagrada) e levados em procissão pelas ruas, com cânticos, danças e expressões de júbilo. Conta-se que, nos séculos XVI a XVIII, em decorrência da forte imigração judaica no Nordeste brasileiro, tal tradição cultural, a dança com a “*toura*” (*Torá*), transformou-se no que hoje conhecemos como



<sup>1</sup> *Monólogo do Vaqueiro* ou *Auto da Visitação*, de autoria de Gil Vicente, publicado em 1502.



a festa do boi-bumbá<sup>2</sup>. Em *Simchat Torá*, os judeus dançam com a *Torá* enfeitada com ornamentos – extremamente semelhantes aos do boi do boi-bumbá. Assim, as pessoas continuaram a dançar com os ornamentos sem a *Torá* sob eles.... Até a dança da festa, a Ciranda, é... uma *horá*<sup>3</sup>!

O boi está relacionado à toura, que remonta ao livro fundamental do Judaísmo: a *Torá*. Em tempos de Inquisição e acirrada perseguição a hereges, em especial aos cristãos-novos, uma série de mecanismos de defesa, inclusive linguísticos, foram por estes desenvolvidos, para fugir das garras do Santo Ofício e dos denunciante (Glasman, 2003). Algumas palavras e expressões populares representam corruptelas, seja pela dificuldade de pronúncia de um termo hebraico em sua passagem à língua portuguesa quanto para dissimular sua origem judaica por parte dos criptojudeus. Neste processo, as denúncias e



confissões feitas ao Santo Ofício registram que o livro fundamental do Judaísmo, a *Torá*, por corruptela, virou *toura*. Para Lipiner (1969, p.88),

“(.. ) dada a clandestinidade que envolvia todos os atos da prática judaica, é de se admitir que os próprios cristãos-novos adotassem o estratagem de confundir sua toura com a cabeça de boi, em linguagem cifrada, subtraindo, assim, o verdadeiro significado à compreensão dos espias do Santo Ofício.”

Ana Lins<sup>4</sup>, na denúncia contra Branca Dias, afirma que a antiga professora possuía sobre a cama “*uma cabeça de boi sem cornos*”, que “*se punha muitas vezes sobre a dita cama às sextas-feiras*”, onde ficava até os domingos.

Assis (2002), ao escrever que os judeus de Camaragibi “*adoravam a toura*”, considera a mesma uma “*metáfora/corruptela bastante usada para dizer que se seguia a lei mosaica ou dos judeus*”.

Grinberg (2005, p. 53) lembra ainda de Ana Rodrigues<sup>5</sup> e algumas de suas filhas e netas, todas acusadas de, entre outras práticas judaizantes<sup>6</sup>, “*fazer regularmente esnoga com “toura” (Torá)*”, também se referindo ao conceito como Lipiner emprega.

Wiznitzer (1966, pp. 26-27), ao relatar a denúncia de Monica, uma moça índia, cristã batizada, em dezembro de 1593, acrescenta que deveria ser sob forma de *mezuzá*:

“(.. ) era seu costume visitar frequentemente, havia dez anos, a casa do cristão-novo Fernão Soares. Um dia viu, pendurado na parede, um objeto seguro a um prego, parecido com uma vaca feita de barro dourado, com chifres pretos, malhas e os pés marrados. Quando contou essa história, recebeu a explicação de que o que tinha visto era uma “*toura*”, adorada pelos judeus. Está claro que vira um mezuzah, oculto sob a forma de uma vaca de barro. E porque a vaca se chama em português toura - vaca maninha e estéril – e a Lei judaica se chama Torah em hebraico, os cristãos-velhos julgaram que o Torah judaico sempre se apresentara sob a forma de uma toura (vaca). É muito improvável que os marranos tivessem a coragem de trazer os volumosos rolos da Lei, de Portugal para o Brasil, provavelmente só trouxeram ocultos pequenos mezuzot, como substitutos.”

Em minhas pesquisas, apenas Gorenstein (2009) discorda da associação. Para ela, “(.. ) a denúncia de cristãos-novos idolatram a “*toura*” - sob a forma de um bezerro ou vaca nada tem a ver com a *Torá*, livro sagrado do Judaísmo, o Pentateuco” - é indício que se reuniam para, secretamente, praticar o criptojudaísmo<sup>7</sup>.

É do ano 1536 o primeiro registro escrito em Portugal de *toura* significando *Torá* (HOUAISS, 2001, p. 2735). Nesta mesma fonte, há ainda a indicação de *Torá* como nome de um tributo que os judeus pagavam por família, datando de 1899.

De *Torá*, veio *toura* e, depois, *bezerra*<sup>8</sup> (Glasman, 2005). Assim, a expressão “*pensar na morte da bezerra*”<sup>9</sup>, usada para se referir a alguém que está meditando com ares de preocupação, se origina de uma corruptela relacionada com denúncias feitas ao Santo Ofício sobre um cristão-novo pensando na *Torá*.

2 “Tishrei, um mês de festas”. Publicado em O Jornal de 8 de outubro de 2010.

<http://www.ojornalweb.com/2010/10/08/tishrei-um-mes-de-festas-enny-danielle/>

3 “Ciranda e *horá*: ligação entre Pernambuco e Israel também na dança”, publicado em O Globo de 11 de março, 2009.

4 “Ana Lins contra Diogo Fernandes, sua mulher Branca Dias e suas filhas, Violante Fernandes e Bento Teixeira”, em 10/11/1593. *Denúncias e Confissões de Pernambuco*. Recife: FUNDARPE, 1984, pp. 54-58.

5 A Inquisição de Lisboa contra Ana Rodrigues. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Processo 12.142

6 Participar de cerimônias judaicas, de guardar o sábado, de fazer bênçãos e orações judaicas, de seguir as interdições alimentares do Judaísmo, de proferir juramentos, de observar ritos funerários judaicos.

7 *Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil - Denúncias e confissões e Pernambuco (1593-1595)*. Recife, Fundarpe, 1984 (introdução José Antonio Gonsalves de Mello), p.48.

8 Havendo até quem afirmasse ter visto, em casa de alguns cristãos-novos, o objeto, com chifres e tudo.

9 Muitos identificam sua origem a partir de uma história bíblica: um filho do rei Absalão tinha grande apego a uma bezerra que foi sacrificada. Assim, após o animal morrer, ficou lamentando-se e pensando na morte do mesmo. Após alguns meses, o garoto morreu. Tal história simplesmente não existe!

A musicóloga Ana Maria Kieffer (2001) reconstituiu algumas canções que testemunham a presença judaica no Brasil colonial, gravadas no disco Teatro do Descobrimento. Três são reconstituições de cantos sinagogais registrados no período do domínio holandês, em Pernambuco. Outras duas são aboios<sup>10</sup> (canto com que os vaqueiros guiam as boiadas) – ambos com forte indício de influência judaica no folclore nordestino. Na primeira delas, o personagem encomenda ao sapateiro um calçado para a celebração do *Shabat*. Na segunda, há uma referência a um “boi judeu” que Kieffer<sup>11</sup> especula ser uma *Torá*, presente nas casas de judeus do Recife. Pergaminhos de rolo guardados em uma caixa preta com pontas de fora e penduradas na parede, vistas da janela da rua podiam parecer a um cristão a cabeça de um boi chifrudo – reforçado pela corruptela do nome do objeto (*Torá*) equivocadamente entendido como *toura*. A influência judaica aparece no ciclo do boi. Segundo Kieffer<sup>12</sup>, há o “boi judeu”, que é o mais enfeitado de todos.

## Corrida de Toras, Torás e Toré

Nimuendajú (2001) pesquisou os índios Tibiras e escreveu sobre sua *Corrida de Toras*. Ele cita o relato de Silva e Souza (1879, p. 494), em 1812, de uma corrida de toras distinta por usar apenas uma tora, a da tribo dos Kayapó do sul, hoje provavelmente extintos:

*“(...) nas vizinhanças da Paschoa, pintam em si, com tinta de jenipapo, botinas, peitos de armas, e fazem então com grande vozeria as suas festas e jogos, sendo o mais célebre o que chamam touro [touro, equivocadamente por tóro = tora], em que se disputam uns com os outros um grande tronco que empregam neste ministério.”*

Outro autor citado é Pohl (1832 p.400), como o primeiro a se referir a uma *dança com tora*: “*Nas danças noturnas, alguns andavam aos pulos com a tora dentro do círculo e a lançavam então para um outro.*”

Igualmente curioso, para dizer o mínimo, é o uso de **Torás** como nome de uma tribo, um grupo indígena que habita o sudeste do Amazonas<sup>13</sup>, bem como o nome do ritual **Toré**, uma manifestação sociocultural comum a vários grupos indígenas das regiões Norte e Nordeste do Brasil, repassado de geração em geração, através da tradição oral. Possui diferentes formatos e significados conforme a etnia que o pratica. Manifesta-se como uma dança com significados místicos, dançado ao ar livre por homens e mulheres que formam um grande círculo que gira em torno do centro. Cada par, ao acompanhar os movimentos, gira em torno de si, pisando o solo com força, marcando o ritmo da dança, acompanhado por maracás, gaitas, totens e amuletos e pelo coro de vozes dos dançarinos, que declamam versos de difícil compreensão, puxados pelo guia do grupo, no idioma da tribo. É um ritual que expressa contentamento sobre diferentes aspectos, como festas religiosas, recepção a personalidades, confraternização, casamentos e batizados. Seriam *hakafot*, uma alusão à dança judaica com a *Torá*?

<sup>10</sup> Recolhidos no nordeste por Mário de Andrade em 1928.

<sup>11</sup> <http://omelomano.blogspot.com/2008/05/msica-dos-judeus-no-brasil-holands.html>

<sup>12</sup> Em entrevista dada à Revista de História [www.revistadehistoria.com.br/secao/entrevista/anna-kieffer](http://www.revistadehistoria.com.br/secao/entrevista/anna-kieffer)

<sup>13</sup> Mais precisamente, a Área Indígena Torá e Terra Indígena Igarapé Sapoti.

## Referências bibliográficas

- ASSIS, Angelo. Inquisição, religiosidade e transformações culturais: a sinagoga das mulheres e a sobrevivência do judaísmo feminino no Brasil colonial — Nordeste, séculos XVI-XVII. In: Revista Brasileira de História, vol.22 n° 43, São Paulo, 2002.
- GLASMAN, Jane Bichmacher de. “Palavras Mal Ditas: Filologia e Preconceito”. Cadernos do CNLF, Série VII, n° 12 - Língua e Cultura, VII Congresso Nacional de Linguística e Filologia, CEFEL/UERJ, 2003. <http://www.filologia.org.br/>
- \_\_\_\_\_. “Presença Judaica na Língua Portuguesa: Expressões e Dizeres Populares em Português de Origem Cristã-Nova ou Marrana”, Anais do VIII Fórum de Estudos Lingüísticos - Língua Portuguesa e Identidade: Marcas Culturais, Instituto de Letras (Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa), UERJ, agosto de 2005.
- GORENSTEIN, Lina. Os cristãos novos e a formação das sociedades secretas no Brasil Colonial. On line. <http://www.rumootolerancia.usp.br/node/1910>, acesso em 12/4/2011.
- GRINBERG, Keila. Os judeus no Brasil: inquisição, imigração e identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, pp. 53 e 97.
- KIEFFER, Ana Maria. “A flauta de Matuiú: registro, memória e recriação musical das festas no Brasil nos séculos XVI e XVII.” in JANCÓSÓ, István; KANTOR, Iris. (orgs.) Festa. Cultura e sociabilidade na América portuguesa. vol II. São Paulo: Imprensa Oficial/HUCITEC/EDUSP/FAPESP, 2001. p. 891-901.
- LIPINER, Elias. Os judaizantes nas capitanias de cima (estudos sobre os cristãos-novos do Brasil nos séculos XVI e XVII). São Paulo: Brasiliense, 1969, p. 88.
- NIMUENDAJÚ, Curt. A Corrida de Toras dos Timbira. In: Mana vol.7 n° 2. Rio de Janeiro: Outubro de 2001.
- Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil - Denúncias e confissões e Pernambuco (1593-1595). Recife, Fundarpe, 1984 (introdução de Gonsalves de Mello).
- POHL, Johann Emanuel. Reise im Innern von Brasilien. Wien. 1832.
- SILVA E SOUZA, P. Luiz Antonio de. Memória sobre o descobrimento da Capitania de Goyas. Revista do Instituto Histórico Geográfico, XII. Rio de Janeiro: 1879.
- VIEIRA, Domingos, Dicionário da língua portuguesa. Lisboa: Ed. Adolfo Coelho, 1874.
- WIZNITZER, Arnold. Os judeus no Brasil Colonial. São Paulo: Livraria Pioneira/ Edusp, 1966.

(\*) A autora é doutora em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica - USP. Professora, fundadora e ex-diretora dos programas de Estudos Judaicos da UERJ.



# LAFER-KLABIN DE POSELVJA: EMPREENDEDORES E INTELLECTUAIS BRASILEIROS

PAULO VALADARES \*

A entrada do clã judaico-lituano Lafer no Brasil trouxe importantes contribuições para a vida econômica e cultural nacional, através de grandes empreendedores, filantropos e personagens ativos da vida cultural, nascidos ou casados nessa família. Eles são mais conhecidos pelo apelido Klabin, adotado por um dos patriarcas (Maurício) e já inspiraram livros e teses acadêmicas contando e estudando o seu percurso incomum. A genealogia desse grupo familiar foi publicada inicialmente por Egon e Frieda WOLFF (94-111) e depois por Guilherme FAIGUENBOIM (7-8), dentre outros.

Quando Guilherme Faiguenboim e eu pesquisávamos cemitérios judaicos, encontramos lápides de várias gerações da família, o que nos permitiu fazer uma revisão das genealogias já publicadas e acrescentar novas informações, além de organizá-la cientificamente. Há omissões, como na linha ascendente de Miguel G. Lafer (1876-1952), por não termos segurança em fazê-la, mas é o trabalho genealógico mais completo sobre o clã.

Eis cinco gerações da família:

## I – SAMUIL LAZAROVITCH

**LAFER** (de laufer, *corredor*, em alemão, BEIDER: 355), *Schmuel b. Eliezer*, nasceu no começo do século XIX na Lituânia, filho de Eliezer e Leah Lafer. Casou-se com Jenny Crystal, filha de Hershel e Sarah Crystal. São os pais de:

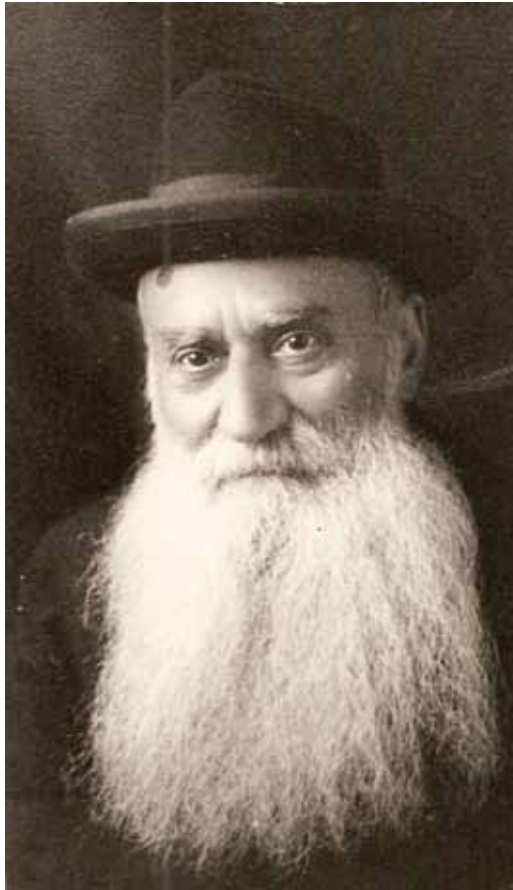
- 1 (II) – LEON LAFER / KLABIN, *que segue em § 2.*
- 2 (II) – ABRAHAM JACOB LAFER, *que segue em § 3.*
- 3 (II) – SELMAN LAFER, *que segue em § 4.*
- 4 (II) – FEIGA ZLATA LAFER / KADISCHEWITZ, *que segue em § 5.*

## § 2

### KLABIN, S. PAULO

**II – LEON LAFER / KLABIN**, *Yehuda Leib b. Schmuel* (Poselva, 1839 – S. Paulo, 05 de julho de 1924). Filho de Samuil Lazarovitch Lafer (§1). Comerciante e estudioso da *Torah*. Casou-se com CHAIA SARAH PAPERT (Vilkomir, 1837 – S. Paulo, 25 de outubro de 1910), filha de Mordechai e Mary Papert. São os pais de:

- 1 (III) – HESSEL KLABIN, *que segue.*
- 2 (III) – MAURÍCIO KLABIN, *que segue.*
- 3 (III) – SALOMÃO KLABIN, *que segue.*
- 4 (III) – NESSEL KLABIN, *que segue.*
- 5 (III) – LUIZ KLABIN, *que segue.*



Leão Klabin. Fonte: Fototeca/AHJB.

**III – HESSEL KLABIN** (Lituânia, 1872 – S. Paulo, 19 de novembro de 1946). Filho de Leon Klabin. Casou-se com FANNY GORDON (Rússia, 1874 – S. Paulo, 21 de março de 1965), filha de Jacob e Eva Gordon. Hessel e Fanny são os pais de:

- 1 (IV) – EVA CECÍLIA KLABIN (S. Paulo, 08 de fevereiro de 1903 – 08 de novembro de 1991), colecionadora de artes. Casou-se com o jornalista e advogado Paulo Rapaport (1899 - Alemanha, 1957), filho do Dr. Ignacy e Gisele Rapaport.
- 2 (IV) – EMMA GORDON KLABIN (Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 1907 – S. Paulo, 27 de janeiro de 1994), colecionadora de artes.
- 3 (IV) – MINA KLABIN (04 de dezembro de 1909 – 10 de novembro de 1940?).

**III – MAURÍCIO FREEMAN (ou FRANCISCO) KLABIN**, *Moshe Elkhanan b. Yehuda Leib* (Poselva, 10 de março de 1860 – 24 de setembro de 1923). Filho de Leon Klabin. Industrial. Casou-se com BERTA OSBAND, *Batia b. Menahem* (Rejiza, 15 de junho de 1870 – S. Paulo, 05 de agosto de 1946), filha de Emanuel Osband (falecido em 22 de janeiro de 1925). São os pais de:



Clã reunido num almoço comemorativo do casamento de Israel Klabin em foto tirada por G. Warchavchik, setembro de 1950.  
Fonte: Fototeca/AHJB.

1 (IV) – EMANUEL KLABIN (11 de maio de 1902 – 04 de setembro de 1985).

2 (IV) – MINA KLABIN, *que segue*.

3 (IV) – LUÍSA KLABIN, *que segue*.

4 (IV) – JENNY KLABIN, *que segue*.

**IV – MINA KLABIN** (S. Paulo, 03 de outubro de 1896 – idem, 14 de fevereiro de 1969). Filha de Maurício Klabin. Casou-se com GREGORI ILITCH WARCHAVCHIK, *Gershon b. Eliahu* (Odessa, 01 de abril de 1896 – S. Paulo, 27 de julho de 1972), filho de Ilia e Sophia (Podgaetz) Warchavchik. Arquiteto. São os pais de:

1 (V) – MAURIS ILIA KLABIN WARCHAVCHIK c.c Ana Maria Marinho Horta, *com geração*.

2 (V) – ANNA SONIA KLABIN WARCHAVCHIK c.c. José Rotenberg, *Yossef b. Yeheskel* (07 de janeiro de 1930 – 17 de maio de 2000), *com geração*.

**IV – LUÍSA KLABIN**, *Lea b. Moshe Elkhanan* (S. Paulo, 24 de Janeiro de 1901 – S. Paulo, 27 de janeiro de 1975). Filha de Maurício Klabin. Casou-se com o Dr. LUDWIG (Luís) LORCH, *Leib b. Issachar* (Hessen, 16 de setembro de 1894 – 12 de julho de 1969), filho de Bernhard e Minna Lorch, médico e dirigente comunal. São os pais de:

1 (V) – WALTER LEICESTER MAURÍCIO LORCH, *Moshe b. Leib* (S. Paulo, 06 de novembro de 1925 – idem, 19 de outubro de 1974). Casado com a prima Vera Lafer (§ 3) e depois com Irene Elizabeth (Bettina) Scheier, filha do fotógrafo Peter Kurt Scheier (1908-1979) e Gertruda

Willheim (1917-1997), *com geração*.

2 (V) – FRANZ BERNHARD LORCH (S. Paulo, 10 de fevereiro de 1932 – 08 de outubro de 1999) casado com Claudia Guiomar Landsberger, *com geração*.

3 (V) – JOÃO PEDRO LORCH (S. Paulo, 07 de fevereiro de 1938), casado com Geny Koogan, filha do editor Abraão (1908-2000) e Paulina (Wainer) Koogan (irmã do jornalista Samuel Wainer, 1910-1980), *com geração*.

4 (V) – GINA LORCH (S. Paulo, 07 de fevereiro de 1938) casada com Martin Wurzman, *com geração*.

**IV – EUGENIA (“Jenny”) KLABIN**, *Chenia b. Moshe Elkhanan* (S. Paulo, 19 de fevereiro de 1899 - S. Paulo, 05 de agosto de 1967). Filha de Maurício Klabin. Tradutora. Casou-se com o pintor LASAR SEGALL, *Eliezer b. Aba* (Vilna, 21 de julho de 1891- S. Paulo, 02 de agosto de 1957), filho do *sofer* (escriba de textos sacros) Abel Segal, *Aba b. Tzvi* (1850 – 10 de fevereiro de 1927) e Ester Glaser. São os pais de:

1 (V) – MAURÍCIO SEGAL c.c. atriz Beatriz Segal (25 de julho de 1926), filha de Mário e Deborah (Lago) de Toledo Fonseca, *com geração*.

2 (V) – OSCAR ABEL SEGAL (Paris, 05 de dezembro de 1930 – S. Paulo, 06 de julho de 2002). Vereador em S. Paulo e presidente da Caixa Econômica Estadual, casado com Raquel Arnaud, filha de Orlando e Maria Ignácia (Barbosa) Arnaud (irmã do jornalista Francisco de Assis Barbosa, 1914-1991); e depois com Maria Lucia Alexandrino, *com geração*.



**III- SALOMÃO KLABIN**, *Schlomo b. Yehuda Leib* (05 de setembro de 1874 - 09 de dezembro de 1947). Filho de Leon Klabin. Casou-se com LUBA SEGAL (15 de fevereiro de 1888 – S. Paulo, 26 de agosto de 1968), irmã do pintor Lasar Segal. São os pais de:

1 (IV) – ESTHER KLABIN c.c. Harry Jack Levine e depois com Alfredo Landau (*Shalom b. Emanuel*, Varsóvia, 05 de maio de 1912 – S. Paulo, 08 de junho de 2005), *com geração*.

2 (IV) – SAMUEL KLABIN (30 de janeiro de 1910 – 17 de março de 1979), casado com Gertrud Gleich (Áustria, 3 de fevereiro de 1919), filha de Max e Esther (Rothman) Gleich; e depois com a Dr<sup>a</sup>. Aracy Augusta Leme (1925-2009), filha de Luiz e Caetana (Orlando) Lemmo – sobrenome original, *com geração*.

3 (IV) – HORÁCIO KLABIN (S. Paulo, 24 de março de 1918 – 1996) casado com Beki Alfasso (Istambul, 10 de setembro de 1921 – Rio de Janeiro, 20 de agosto de 2000), filha de José Alfasso, e depois com Sylvia Correia Gonçalves, *com geração*.

**III – NESSEL KLABIN**, *Nessia b. Yehuda Leib* (falecida em S. Paulo, 28 de maio de 1980). Filha de Leon Klabin. Casou-se com o primo MIGUEL LAFER (ver descendência em § 3).

**III – LUIZ KLABIN**, *Eliezer Tzvi b. Yehuda Leib* (1876 - 02 de agosto de 1937). Filho de Leon Klabin. Casado com ROSE LOWETT, *Rassi b. Menachem Mendel* (Shavli, 15 de junho de 1876 - 07 de maio de 1928). São os pais de:

1 (IV) – MAX KLABIN, *Menachem Mendel b. Eliezer Tzvi* (Boston, 23/10/1891 – S. Paulo, 18/06/1970) c.c. Fanny Aronis, *Fania b. Haim* (falecida em 7 de junho de 1968), *com geração*.

2 (IV) – MINA KLABIN (1901 - 10 de novembro de 1965).

3 (IV) – ANNE KLABIN (Boston, 16 de janeiro de 1893) casada com Salomão M. Leifert (falecido em 27 de julho de 1950), *com geração* – o apresentador de TV, Tiago Leifert é bisneto do casal.

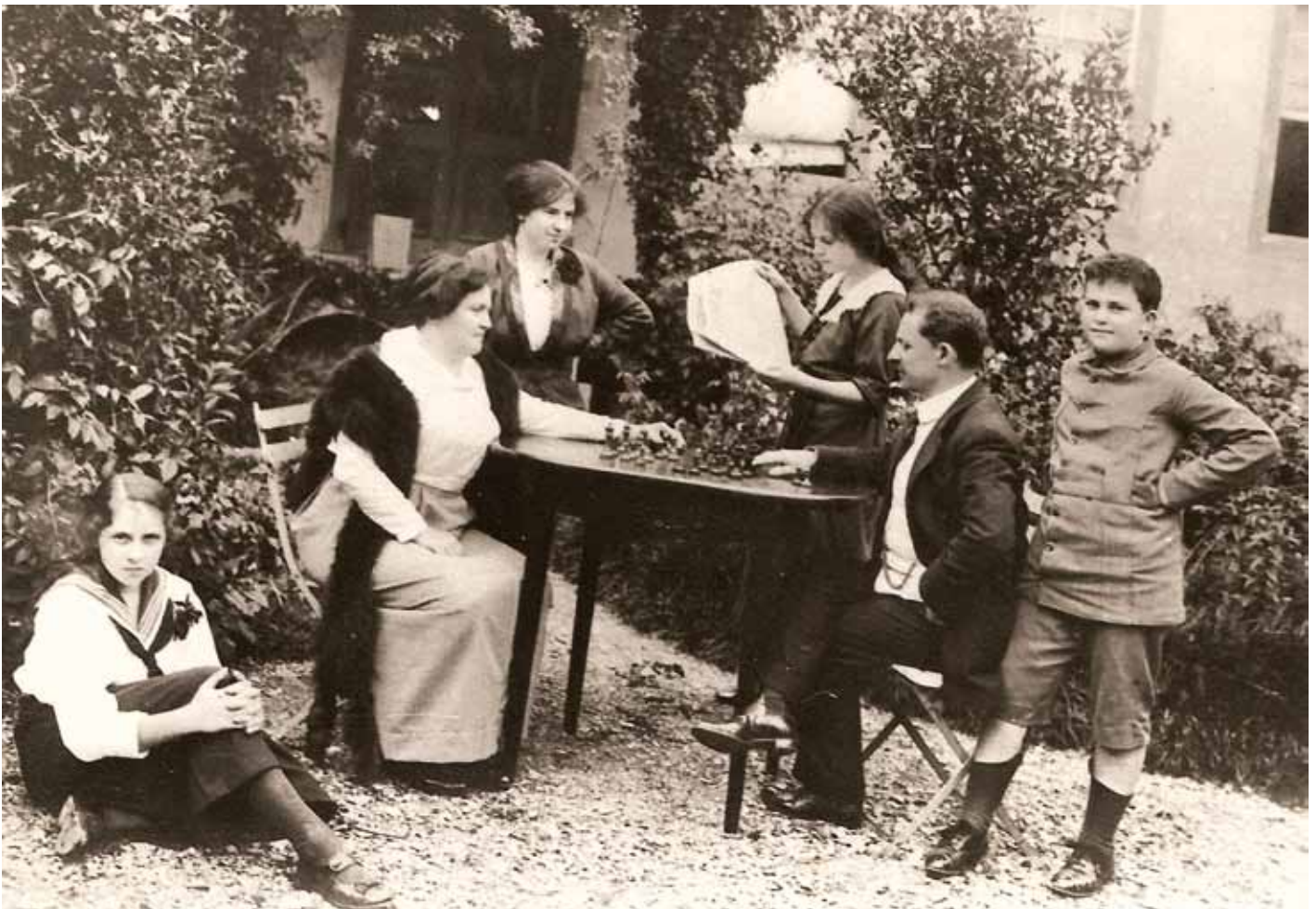
4 (IV) – ESTHER ELZA KLABIN (1904 - 21 de março de 1965).

5 (IV) – BENJAMIN KLABIN, *Schmuel Ben Zion b. Eliezer Tzvi* (28 de março de 1900 – 02 de fevereiro de 1965) c.c. Lea Gordon, *com geração*.

### § 3

#### LAFER, S. PAULO

**II – ABRAHAM JACOB LAFER**, *Avraham Yaacov b. Schmuel*, filho de Samuil Lazarovitch Lafer (§1). É o pai de:



Maurício e Berta Klabin, junto aos filhos: Luisa, Mina, Jenny e Emanuel. S. Paulo, 1918. Fonte: Fototeca/AHJB.



1 (III) – MIGUEL LAFER, *que segue*.

2 (III) – MAX LAFER, *que segue*.

**III – MIGUEL LAFER**, *Yehiel Mikhail b. Avraham Yaacov* (falecido em S. Paulo, 02 de dezembro de 1926). Filho de Abraham Jacob Lafer. Casou-se com a prima NESSEL KLABIN (§ 2). São os pais de:

1 (IV) – HORÁCIO LAFER, *que segue*.

2 (IV) – JACOB KLABIN LAFER, *que segue*.

**IV – HORÁCIO LAFER**, *Tzvi b. Yehiel Mikhail* (S. Paulo, 03 de maio de 1900 – Paris – 29 de junho de 1965). Filho de Miguel Lafer. Deputado federal entre 1933 a 1958, Ministro da Fazenda (1951-3) e das Relações Exteriores (1959-61). Casado com MARIA LUISA (Mimi) SALLES, sobrinha-neta do presidente Campos Salles (1841-1913). São os pais de:

1 (V) – SYLVIA LAFER casada com Pedro Franco Piva (S. Paulo, 6 de janeiro de 1934), filho de Pedro e Olívia Cardoso Franco Piva, industrial e senador. Horácio Lafer Piva, presidente da FIESP (1998-2004), é um dos filhos do casal.

2 (V) – GRAZIELLA LAFER casada com Paulo Sérgio Coutinho Galvão, *com geração*.

**IV – JACOB KLABIN LAFER**, *Yaacov b. Yehil Mikhail* (S. Paulo, 10 de abril de 1902 – idem, 29 de outubro de 1985). Filho de Miguel Lafer. Industrial. Casado com MILDRED FRIEDMAN, pais de:

1 (IV) – VERA LAFER casada com o primo Walter Lorch (§ 2) e depois com Francisco Patti, *com geração*.

2 (IV) – MIGUEL LAFER.

**III – MAX LAFER**, *Meir b. Avraham Yaacov* (faleceu em 25 de agosto de 1938). Filho de Abraham Jacob Lafer. Casou-se com a prima JENNY LAFER (§4). São os pais de:

1 (IV) – ABRAÃO JACOB LAFER, *que segue*.

2 (IV) – ESTHER LAFER, *que segue*.

**IV – ABRAÃO JACOB LAFER**, *Avraham Yaacov b. Meir* (13 de dezembro de 1907 – S. Paulo, 28 de maio de 1980). Filho de Max Lafer. Casou-se com a prima BEILA PILNIK, conhecida como Betty Lafer (Vilna, 27 de setembro de 1908 – S. Paulo, 29 de abril de 2006), filha de Horácio Pilnik, depois Michnun (*Haim Naftali b. Shabat Asher HaCohen*, 1880-1942) e Zlate Rimman (FREIDENSON: 176-180). São os pais de:

1 (V) – MARINA LAFER casada com o jornalista Mauro Roberto Fernandes Chaves (1942 - S. Paulo, 10 de fevereiro de 2011), *com geração*.

2 (V) – CELSO LAFER (S. Paulo, 07 de agosto de 1941). Professor na Faculdade de Direito (USP). Membro da Academia Brasileira de Letras (cadeira nº 14). Ministro

das Relações Exteriores (1992, 2001-2) e também do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (1999). Casado com a antropóloga Betty Mindlin, filha do industrial e bibliófilo José (1914-2010) e Guita (Kauffmann) Mindlin (1916-2006) e, depois, com a professora Mary Macedo de Camargo Neves, *com geração de ambos os leitos*.

**IV – ESTHER LAFER** (? – S. Paulo, 27 de agosto de 1988). Filha de Max Lafer. Casou-se com o industrial NELSON FALDINI, *Naphtali b. Yitshak* (Livorno, 30 de abril de 1910 – S. Paulo, 21 de março de 1975), filho de Guido e Gemma (Dello Strologo) Faldini (CAMPAGNANO: 229-231). São os pais de:

1 (V) – MILTON FALDINI (S. Paulo, 23 de julho de 1946). Casado com Delza Pares Cunha, filha de Durval e Diva (Pares) Cunha.

2 (V) – ROBERTO FALDINI (S. Paulo, 06 de setembro de 1948), industrial. Casado com Catarina Buck, *com geração*. Uma de suas filhas, Mônica, é casada com o Dr. Jorge Fontoura Pinheiro Koren de Lima, filho do Dr. Cândido Pinheiro de Lima, *Yitzhak b. Avraham* e Ana Cristina Fontoura, descendente pelo lado paterno do rabino Abraham Senior, último Grão Rabino de Castela (VALADARES: 169).

#### § 4

##### LAFER, S. PAULO

**II – SELMAN LAFER** (\*1852?), filho de Samuil Lazarovitch Lafer (§1). Chegou a S. Paulo em 1894. Casado com CHASSE RIMAN. São os pais de:

1 (III) – JENNY LAFER, *que segue*.

**III – JENNY LAFER**, *Heina b. Zalman* (c. 1884 – 19 de março de 1962). Filha de Selman Lafer. Casou-se com o primo MAX LAFER (§3), em que está descrita a geração.

#### § 5

##### KADISCHEWITZ, RIO DE JANEIRO

**II – FANY (Feiga Zlata) LAFER** (1851 – S. Paulo, 17 de fevereiro de 1948), filha de Samuil Lazarovitch Lafer (§1). Casou-se com ISRAEL HAIM KADISCHEWITZ (f. Lituânia, 16 de janeiro de 1897). São os pais de:

1 (III) – SAMUEL KADISCHEWITZ, *Schmuel b. Israel Haim* (faleceu em S. Paulo, 07 de setembro de 1938).

2 (III) – LAZAR KADISCHEWITZ (Lituânia, 02 de fevereiro de 1894 – idem, 20 de agosto de 1968), casado com *Clara b. Herman* (06 de maio de 1904 – 20 de março de 1993), *com geração*.

3 (III) – HENRIQUE KADISCHEWITZ, *Hanan b. Israel Haim* (Lituânia, 24 de janeiro de 1897 – S. Paulo, 18 de abril



Celso Lafer no seu bar mitzvah junto a avó. Fonte: Fototeca/AHJB.

de 1973) casado com *Frida b. Menachem Mendel* (05 de fevereiro de 1903 - 31 de outubro de 1966).

4 (III) – SARA LUISA KADISCHEWITZ (Lituânia, 2 de outubro de 1893 – 25 de junho de 1964) casada com Leão Jacob Cherskassky (21 de setembro de 1889 - 15 de agosto de 1965), filho de Jacob e Clara Cherkassky, *com geração*.

5 (III) – WOLF K. KLABIN, *que segue*.

**III – WOLF KADISCHEWITZ KLABIN**, *Zeev b. Israel* (26 de dezembro de 1890 – Rio de Janeiro, 15 de março de 1957). Filho de Fany Lafer. Industrial. Casou-se com ROSE HAAS (Belo Horizonte, 23 de setembro de 1901 – Rio de Janeiro, 04 de outubro de 1973), filha do comerciante e major da Guarda Nacional Arthur Dieudonné (18 de fevereiro de 1865 – 17 de agosto de 1937) e Mathilde (Liebmann) Haas (25 de fevereiro de 1871 – 27 de agosto de 1932). São os pais de:

1 (IV) – ISRAEL KLABIN (Rio de Janeiro, 20 de setembro de 1926). Industrial e Prefeito do Rio de Janeiro (1979-

80). Casado com Lina Caldas Paranhos (17 de setembro de 1929) e, depois, com Lea Manela (21 de novembro de 1950), filha de Salomão e Helena Manela, *com geração*.

2 (IV) – DANIEL MIGUEL KLABIN (Rio de Janeiro, 11 de maio de 1929). Casado com Maria Izabel Prazeres Bocayuva Catão (22 de abril de 1952), filha do industrial e senador Álvaro Luiz (1920-2000) e Maria de Lourdes (Prazeres) Bocayuva Catão, descendente pelo lado paterno de Manuel de Paredes (1556-1593), primeiro cristão-novo processado como judaizante no Brasil (VALADARES: 182), *com geração*.

3 (IV) – ARMANDO KLABIN (Rio de Janeiro, 25 de maio de 1932). Casado com Rosa Maria Lisboa (1947), filha de Edwaldo e Maria do Carmo (Rocha) da Costa Lisboa, *com geração*.

### BIBLIOGRAFIA AUXILIAR

BEIDER, Alexander. *A dictionary of Jewish surnames from the Russian Empire*. Teaneck: Avotaynu, 1993.

CAMPAGNANO, Anna Rosa; PETRAGNANI, Sema. *A milenária presença dos judeus na Itália. Resgatando a memória da imigração dos judeus italianos no Brasil (1938-1941)*. S. Paulo: Atheneu, 2007.

FAIGUENBOIM, Guilherme. "O império Klabin". *Gerações/Brasil*, vol. 1, nº 2, maio de 1995.

FREIDENSON, Marília; BECKER, Gaby (organizadoras). *Passagem para a América. Relatos da imigração judaica em S. Paulo*. S. Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial, 2003.

VALADARES, Paulo. *A presença oculta. Genealogia, identidade e cultura cristã-nova brasileira nos séculos*. Fortaleza: Fundação Ana Lima, 2007.

WOLFF, Egon e Frieda. *Dicionário Biográfico (VI) Genealogias Judaicas*. Rio de Janeiro: Cemitério Comunal Israelita, 1990, pp. 94-111.

(\* ) Paulo Valadares, historiador e genealogista  
 Blog: [www.bestaesfolada.blogspot.com](http://www.bestaesfolada.blogspot.com)

## SABER MAIS SOBRE SEU PASSADO SIGNIFICA TER CONDIÇÕES DE TRANSMITIR MAIS CONHECIMENTO E INFORMAÇÃO A SEUS FILHOS.

O NOSSO ACERVO DE FOTOS, OS MILHARES DE DOCUMENTOS QUE ESTÃO SOB NOSSOS CUIDADOS, OS LIVROS DE REGISTRO DE NAVIOS DE IMIGRANTES, OS REGISTROS DE ESCOLAS, SINAGOGAS, CLUBES E ASSOCIAÇÕES DE SÃO PAULO E DE TODO O BRASIL PODEM CONTER INFORMAÇÕES QUE LHE INTERESSAM.

**VISITE-NOS!**  
**AGUARDAMOS SUA VISITA.**

ESTAMOS LOCALIZADOS À  
 RUA ESTELA SEZEFREDA, 76 EM PINHEIROS.

NOSSOS TELEFONES SÃO:  
 3088-0879 e 3082-3854

RESPOSTA AO LEITOR: Eis o que o Núcleo de Genealogia do AHJB conseguiu levantar sobre a família Gafanovich:

ISAAC GAFANOVICH, Yitzhak b. Reuven (05/06/1875 - S. Paulo, 21/07/1935), sepultado no Cemitério Israelita de Vila Mariana, S. Paulo (3 2 31), casado com TAUBA GAFANOVICH, Toiba Rachel b. Yehuda (15/03/1870 - 27/02/1949), sepultada no Cemitério Israelita de Vila Mariana, S. Paulo (19 2 31). São os pais de:

FILHO 1 - DAVID GAFANOVIC (Lituania, 25/10/1905 - 07/08/1974). Sepultado no Cemitério Israelita do Butantã, S. Paulo (104 I 98). Casado com MICHLE GAFANOVIC, falecida em 01/03/1978. Sepultada no Cemitério Israelita do Butantã, S. Paulo (104 I 97). Cidadão brasileiro em 14/09/1973. Processo nº 30.121-722:

<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/3158322/dou-secao-1-14-09-1973-pg-5/pdfView#xml=http://www.jusbrasil.com.br/highlight/3158322/gafanovic%20diario%20oficial>

FILHA 2 - SOPHIA GAFANOVITS CONCHESTER, Schifra b. Yitzhak, falecida em 12/04/1969, sepultada no Cemitério Israelita do Butantã, S. Paulo (50 D 26). Casada com ARON CONCHESTER, Aaron b. Yitzhak (11/04/1901 - 02/12/1978), sepultado no Cemitério Israelita do Butantã, S. Paulo (50 D 27)

FILHO 3 - RUFKAH GAFANOVICH, sem informações.

Quanto aos Kronik:

NACHAMA KRONIK (Polonia, 6/5/1916 - S. Paulo 16/11/1993), filha de Jakub Moiseevich and Chaia Borisova Pieczynsky. Cidadã brasileira em 14/01/1982. Processo nº 15.745/80.

<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/3118491/dou-secao-1-14-01-1982-pg-70/pdfView#xml=http://www.jusbrasil.com.br/highlight/3118491/nachama%20kronik>

Sepultada no Cemitério Israelita do Butantã, S. Paulo (335 O 157).

NÚCLEO DE GENEALOGIA DO AHJB - P.V.



## LIVROS INDICADOS

De Odmar Braga, "*Rekodro de mis rekodros: poemario em djudeu-espanyol*", Edição do autor, 2010, 97 páginas. "(...) Poeta nasido em la sivdade de Recife\_Pernambuco, és um de los mijores konosedores de las famyias de el dezierto (sertão) de El noreste de Brasil (...) Poeta ke pratika um djenero poético muy distinto, uma boz destakada de akel ke se entiendo komo siendo "Movimiento Armorial" (...)", conforme apresentação do antropólogo francês Nathan Wachtel (College de France).

**REVISTA DE ESTUDOS JUDAICOS Nº 8, 2009/2010**, 164 páginas. Publicado pelo Instituto Histórico Israelita Mineiro, ao comemorar 25 anos de atividade. Neste número: *Do norte da África ao subcontinente indiano: a extensão histórico-geográfica da comunidade judaica/C.* A. PÓVOA, *A carnavalização do Holocausto/L.* NAZÁRIO, *O lugar de Abraham Joshua Heschel na Filosofia, Teologia e Misticismo judaicos/R.S.* PFEFFER, *Dor de letra: relatos de sofrimento em Filon de Alexandria e Primo Levi/C.M.* RIOS, *Uma travessia frustrada: da galut para o exil/ L. S.* KRAUSZ, *O marranismo como fenômeno histórico: presença judaica em Minas Gerais do século 18/ B.L.* SILVA e *J. CALVO*, *Os judeus em las siete partidas de Afonso X, o Sábio/M. F. S. C.* ANJOS, *Os primatas superiores e os xenotransplantes do dr. Voronoff/E.M.* CUPERSCHMID, *Arqueologia na Terra Santa: Lady Hester Lucy Stanhope/ R.* FAINGOLD. Endereço: [ihim@pib.com.br](mailto:ihim@pib.com.br)





## Prof. Dr. Otto Richard Gottlieb

(31/08/1920 - 19/06/2011)

*“A ciência no futuro terá que estar preparada para fornecer respostas a questões ligadas ao funcionamento da natureza, condição essencial para o futuro no nosso planeta” (O.R. Gottlieb)*

Otto Richard Gottlieb nasceu em 31/01/1920, em Brno, na antiga Tchecoslováquia (atual República Checa). Sua mãe era natural de Petrópolis, Rio de Janeiro e, em 1936, seu marido e ela vieram para o Brasil, em decorrência da ascensão do Nazismo. Gottlieb partiu para a Inglaterra, vindo depois para o Brasil, em 1939. Aos 21 anos, optou pela nacionalidade brasileira.

Em 1945, formou-se em primeiro lugar no curso de Química Industrial pela Universidade do Brasil, que originou a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Inicialmente, trabalhou por 10 anos na indústria química de seu pai, dedicando-se à produção de substâncias químicas puras extraídas de óleos essenciais brasileiros. Transferiu-se então para a seção de fitoquímica do Instituto de Química Agrícola no Rio de Janeiro.

Aos 35 anos, decidiu participar de um dos mais importantes grupos de pesquisa sobre produtos naturais da época, no Instituto Weizmann de Ciências em Israel, iniciando uma investigação sobre o isolamento de substâncias químicas de plantas e a determinação de sua estrutura.

De volta ao Brasil, defendeu o Doutorado e o título de Livre-Docente pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (1966) e de professor titular pela Universidade de Brasília (1964) e pela Universidade de São Paulo (1975). Atuou no Instituto de Química e, com financiamento da FAPESP, fundou o Laboratório de Química de Produtos Naturais da USP, de onde se aposentou compulsoriamente em 1990.

A seguir, foi ainda professor visitante da FIOCRUZ e professor visitante do Programa de Pós Graduação em Química Orgânica do Instituto de Química da Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ (2003 – 2005).

Sua produção científica foi vastíssima, contando com cerca de 700 publicações em livros e revistas especializadas, abrangendo as seguintes linhas de pesquisa: Nomenclatura Química; Fitoquímica; Evolução Bioquímica; Ecologia Bioquímica; Análise Estrutural de Produtos Naturais; Biodiversidade Quantitativa, entre outras.

Foi professor visitante na Universidade de Sheffield, Inglaterra, e na Universidade de Indiana, nos EUA. Foi premiado e condecorado com prêmios nacionais e internacionais. Em 1977, o Professor Gottlieb foi o primeiro profissional de Química a receber o Prêmio Fritz Feigl, criado pelo Conselho Regional de Química – IV Região, nesse mesmo ano. Foi Doutor *Honoris Causa* e Profes-



sor *Honoris Causa* em diversas Universidades, nacionais e internacionais. Foi condecorado também com a Ordem Nacional do Mérito Científico do Ministério da Ciência e Tecnologia e foi indicado para o Prêmio Nobel de Química em 1999, por seus estudos sobre a estrutura química das plantas, que permitem analisar o estado de preservação de vários ecossistemas. Revelou a biodiversidade da flora brasileira e promoveu a fitoquímica no Brasil.

Importantes eventos nacionais e internacionais em sua área de conhecimento foram organizados e coordenados por Gottlieb. E sua “grande criatividade em bioquímica vegetal” foi reconhecida pelo Prêmio Phytochemistry da Pergamon Press, a ele conferido por suas “destacadas contribuições para o nosso conhecimento da eco-geografia, evolução e sistemática de metabolitos secundários de plantas”.

Em seu *in memoriam* ao Professor Gottlieb, o Diretor Prof. Dr. Fernando Rei Ornellas, atual diretor do Instituto de Química da USP em seu memoriam ao prof. Gottlieb escreveu uma frase que me permito reproduzir: “*Nada revela melhor o impacto de seu trabalho do que a citação que consta do diploma conferido pela Universidade de Hamburgo: A Universidade visa honrar o cientista e mestre reconhecido mundialmente que, através de sua síntese interdisciplinar da química de plantas e da investigação em evolução botânica, abriu novos caminhos para a ciência.*”

*A mãe de O. Gottlieb era brasileira, Dora Ornstein. Ele era casado com Franca Cohen e tiveram os filhos Hugo Emilio, Raul Cesar e Marcel Bernardo Gottlieb.*

Prof. Dr. Nicola Petragani  
Instituto de Química - Universidade de São Paulo

# PREOCUPANDO-SE COM OS DESTINOS DO MUNDO

GUILHERME ARY PLONSKI \*

*“Yo soy yo y mi circunstancia y si no la salvo a ella no me salvo yo.”*

(José Ortega y Gasset, 1883-1955)

Ao descrever as circunstâncias em que se formou a sua personalidade, durante a juventude vivida na conturbada Áustria dos anos 1930, Henrique Rattner z”l destaca “(...) a preocupação algo precoce com os destinos do mundo (e que) foi aguçada pelas leituras de livros como E. M. Remarque, A. Zweig, B. von Suttner, B. Traven (...)”<sup>1</sup>

Ele foi capaz de transformar essa inquietação, que o acompanhou até o seu passamento em junho de 2011, em projetos pioneiros e em textos instigadores pela análise compreensiva e proposições ousadas, focalizando variados campos – incluindo tecnologia e sociedade, desenvolvimento regional, meio ambiente, pequena empresa, sociologia judaica e política internacional. Entretanto, acima de tudo, transformou essa preocupação em discípulos que contribuem efetivamente ao redirecionamento dos destinos do mundo (*tikun olam*).

A sua atuação como educador ocorreu em espaços diversos. No campo judaico, destacou-se o Lar das Crianças da Congregação Israelita Paulista, que dirigiu, juntamente com sua querida esposa Miriam, de 1955 a 1967. Orientou crianças e jovens de famílias atingidas pelas vicissitudes da vida pelo exemplo. Todos eles sabiam também que o *moré* (mestre) frequentava, após um longo dia de trabalho no Lar, os cursos da faculdade da USP; olhavam, também, com curiosidade, as reuniões de estudos de colegas, nos sábados e domingos, nas salas ocupadas durante a semana por eles. Criou-se assim uma relação múltipla em que o *moré* desempenhava não somente as funções oficiais de administrador e pedagogo, mas também representava um *role model*, cuja percepção pelas crianças as marcava para toda a vida, conforme relatado por elas anos e décadas depois.<sup>2</sup>

Foi professor de gerações de estudantes na Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas e na Universidade de São Paulo (USP) – nesta, na Facul-



dade de Economia, Administração e Contabilidade e no Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, do qual foi o primeiro coordenador.

Já no outono da vida, mas igualmente enérgico, aceitou convite da Fundação Rockefeller para, em 1991, assumir a direção do Programa *LEAD – Leadership for Environment and Development* no Brasil, por meio da então criada Associação Brasileira para o Desenvolvimento de Lideranças, fruto de parceria com a USP. Durante mais de uma década, participou intensamente na formulação e execução de inovadores programas de capacitação de lideranças em meio ambiente e desenvolvimento sustentável, em nível nacional e internacional.

Nenhuma tribulação arrefeceu a sua preocupação intelectual e prática com os destinos do mundo. Mesmo durante os longos anos em que tratou doença agressiva, continuava a analisar e propor, debater e publicar. Na simbólica data de 1º de maio, durante visita em companhia de Evelyn Levy, amiga comum e, como ele, cientista social, o *moré* Rattner usou todo o tempo para falar com entusiasmo dos projetos em andamento e de novas iniciativas.

E, talvez já presentindo a aproximação do final de sua trajetória neste mundo, ao qual tanto se dedicou, despediu-se de nós com a citação da frase do rabino Nachman de Bratslav, popularizada na canção musicada pelo rabino israelense Baruch Chait: “O mundo inteiro é uma ponte muito estreita e o essencial é absolutamente não temer.” No original hebraico, a citação é *kol haolam kuló guesher tzar meód; vehaikar ló lefachêd klal*.

1 <sup>[1]</sup> Citação da primeira página de sua autobiografia (em fase de revisão), uma das três obras de Henrique Rattner que serão publicadas postumamente. Este autor agradece a gentileza de Daphne Rattner.

[2] Idem, p. 29.

(\*) O autor é professor titular da Universidade de São Paulo e presidente da Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores. Foi diretor superintendente (2001-2006) do Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo.

## ELIAHU CHUT (1933-2011), EMPRESÁRIO, ESPORTISTA E JORNALISTA



Faleceu em S. Paulo (17/06/2011), o empresário, esportista e jornalista ELIAHU CHUT, nascido em Maceió (19/03/1933). Ele era filho de Marcos e Sara (Krimgold) Chut. A sua mãe Sara era irmã de Mania Krimgold, que foi casada com Pedro Lispector, pais da escritora Clarice Lispector (1920-1977).

Eliahu Chut jogou basquete em competições importantes. Foi campeão carioca defendendo o Botafogo. Entrou no mundo das comunicações como um dos fundadores do jornal carioca Menorah na década de 60, e já nos anos oitenta, fundou em S. Paulo a revista O Hebreu.

A revista O Hebreu foi uma mistura bem dosada de artigos de divulgação sobre história e liturgia judaica, biografias e notícias sociais enviadas de cidades com coletividades importantes.

Termino esta recordação com uma pequena história. Quando me apresentei na redação d' O Hebreu eu não tinha nenhuma experiência, levei um artigo sobre a presença dos cristãos-novos no Brasil, vendo-os como um "fenômeno de longa duração" entreguei a ele, que publicou, depois pediu outro, e assim publiquei bastante nesta revista - algo que propiciou minha preparação e amadurecimento para uma pós-graduação na USP. Nunca sofri censura ou interferência no meu trabalho. Reconheci e agradei a família Chut este auxílio na minha dissertação.

Eliahu Chut foi casado com Rosa Saposnik e tiveram três filhos: Alexandre, Ricardo Eliezer e Annik Chut. Nada melhor que reproduzir neste momento as palavras do seu amigo e membro da Academia Brasileira de Letras, Arnaldo Niskier, que também são nossas: "Ficou a lembrança das suas realizações e do homem bom que foi, sobretudo para os que com ele conviveram" (PV).

Faleceu em S. Paulo (24/09/2011), MARCOS FELDMAN, comerciante e memorialista brasileiro, nascido em Quatro Irmãos, RS (16/09/1923). Filho dos colonos Baruch (Boris) Feldman e Hinde Oxman. Ele foi casado com Guilhermina Agranionik, com que teve os filhos Lea e James. O Sr. Feldman foi o maior conhecedor da história da colônia judaica de Quatro Irmãos, uma experiência agrícola mantida pela ICA, que trouxe imigrantes judeus para o Sul. Ele juntou a sua vivência familiar e uma pesquisa obsessiva para reconstruir a história desta imigração, publicando artigos e o livro Memórias da Colônia de Quatro Irmãos (S. Paulo: Maayanot, 2003). O Sr. Feldman reunia em si as melhores qualidades do Povo Judeu, como integridade e generosidade, povo a quem ele amava e dava provas disto o tempo todo.



## DOAÇÕES RECEBIDAS DE MARÇO de 2011 a AGOSTO de 2011

### ANDRE DOUEK

Periódicos da comunidade judaica

### ANNA GEDANKEN

Livros, periódicos, calendários e convites

### ARNALDO FRIDMAN

Revista Israel

### BELINA RAQUEL DORIENBUS

Discos de vinil em ídiche e hebraico

### BERNARDO BEER

Documentos de Chaim Leib Beer e Rywa Beer

### CARLOS ZÉLIO DIMANT

Livro 90 anos da sinagoga Kehilat Israel – A primeira sinagoga de São Paulo

### CÉLIA SZNITER MENTUIK

Livros, fitas VHS e discos de vinil

### CLARA BLACK

Livros

### CLARA PROFIS SCHUATZ

Livro Os judeus de Adolfo Benasus

### DANIEL STRUM

Diários de Henia Beron Strum

### DANIELA ROTHFUSS/ INSTITUTO MARTIUS-STADEN

Livro Famílias Brasileiras de Origem Germânicas vol. III, do Instituto Matius/Staden

### DANIELA STRANSKY

Documentos, fotos, artigos pessoais e familiares

### EDITH GROSS HOJDA

Fotocópia da publicação Os homens fizeram-no aos homens, de Zofia Walkowska

### EFRAIM HIBNER LEHRER

Periódicos em ídiche

### ETHEL MIZRAHI CUPERSCHMID

Livro Muito além das cinzas, de Ethel Mizrahi Cuperschmid

### GENIA WAJTMAN LEVYMAN

Fotos, documentos e artigos de jornais sobre a comunidade judaica de Franca

### INSTITUTO HISTÓRICO ISRAELITA MINEIRO

Revistas de Estudos Judaicos do IHIM

### IVANILZE ESTÁCIO/ BIBLIOTECA DO CLUBE HEBRAICA

Livro Fragments de uma vida, de Eva Braum

### ISRAEL E MARIETA OSTROWICZ

Fotos de Henrique Ostrowicz

### JAQUELINE GROSSMAN

Aparelho de som

### JAYME PEN

Fotografias das famílias Feffer, Teperman, Guersfeld, Chansky,

Pen e convite de Jayme Pen, para a cerimônia em que se torna um *bar mitzvá*

### JORGE BASTOS FURMAN

Prospectos e cartões de eventos e instituições da comunidade judaica

### LUCIA CHERMONT

Convite da cerimônia de inauguração da nova sede da sinagoga da Comunidade Shalom

### MARCIO MENDES LUZ

Dissertação de mestrado: *Abençoados aqueles que vêm: imigração e beneficência judaica em São Paulo (1900-1950)*. UNICAMP de Marcio Mendes Luz

### MÁRCIO PITLIUK

Livro 100 anos de imigração judaica do Leste Europeu, de Marcio Pitliuk

### MARILIA FREIDENSON

Livros Os doze contos de Berlin e A história da transformação de um relacionamento

### MELISSA IACHAN

Periódico em ídiche

### MICHEL GORSKY

Fotos e boletim escolar de Rebeca Givertz, de 1928

### MYRIAM CHANSKY

Livros

### NATALIA MARQUES DE SOUZA/ BIBLIOTECA NACIONAL

Revista do Arquivo Nacional e "e-Arq Brasil: modelo de requisitos para Sistemas Informatizados de Gestão Arquivística de Documentos" CONARQ

### REYNALDO EISENSTADS

Introdução do livro A morte em Amarelo – Campo de Trabalhos forçados de Skarzysko-Kamienna, de Felícia Karay, tradução Sergio Cernea e DVD sobre o Campo

### SABRINA CROCHIK

Fotos da Câmara Brasil Israel de Comércio e Indústria

### SAMUEL BELK

Livro e periódicos

### SARA WJUNISKI

Discos de vinil

### SONIA SALES

Livro D. Pedro II e seus amigos judeus, de Sonia Sales

### SONIA WAITMAN BOGUCHWAL

Documentação de Mauricio Boguchwal

### VALDIRENE FERREIRA GOMES

Fitas-cassete em ídiche, de Lasar Deusch

## PESQUISADORES DE MARÇO 2010 A AGOSTO DE 2011

### **Adolfo Gevertz**

Pesquisa particular

### **Alessandro de Andrade**

Professor de História

### **Ana Sécio**

Genealogia

### **Anat Falbel**

Profª Doutora de Arquitetura/ UNICAMP

### **Beatriz de Souza Rosa**

Jornalista / Jornal O Vale

### **Benjamin Seroussi**

Curador / Centro da Cultura Judaica

### **Bernardo Lerer**

Jornalista / Hospital Israelita Albert Einstein

### **Bruno Leal Pastor de Carvalho**

Doutorando de História / UFRJ

### **Carla Brauer Lalezari**

Genealogia

### **Carolina Lopes**

Cia de Foto / Centro da Cultura Judaica

### **Celina Niskier**

Pesquisa particular

### **Daniel Douek**

Mestrando no Centro de Estudos Judaico/FFLCH-USP

### **Daniela Vicedomini Coelho**

Arquiteta / Base 7 Projetos Culturais

### **Daisy Perelmutter**

Historiadora / SESC

### **Edith Gross Hojda**

Doutora FFLH – USP / Biblioteca Mário de Andrade

### **Eduardo Verderame**

Artista plástico / Instituto Cultural Oswald de Andrade

### **Elaine Herrera Bordalo**

Historiadora / Centro Cultural Jerusalém

### **Eliabe Ribeiro Vidal**

Genealogia

### **Enio Rechtman**

Mestrando de História

### **Filipe Germano Canavese**

Historiador

### **Flávio Abramovici**

Pesquisa particular

### **Flávio Veríssimo da Costa**

Pesquisa particular

### **Francisco A. Alves Teixeira**

Genealogia

### **Heloisa Fiorini**

Graduanda de História / PUC-SP

### **Humberto Souza Santos**

Pesquisa particular

### **Igor Lumberg Lyamo**

Graduando de Teologia / Faculdade Messiânica

### **Izabela Gatti**

Pesquisadora/ Base 7 Projetos Culturais

### **Jefrey Lesser**

Historiador e professor / Emory University

### **2º Tem Jeremias Araujo Serejo**

Genealogia

### **José Carlos de Campos**

Pesquisa particular

### **Kátia Aparecida T. de Oliveira**

Bibliotecária

### **Lígia de Oliveira Urshima**

Pós-graduanda em Lato Sensu de História / PUC-SP

### **Lívia Domingues Silva**

Bibliotecária

### **Luciana Mirkiewicz de Souza**

Produtora cultural e atriz

### **Luciana Palma de Godói**

Pesquisa particular

### **Luise Weiss**

Doutora em Artes Plásticas / UNICAMP

### **Marcos Teixeira**

Pesquisa particular

### **Maria Alves Ferreira**

Graduanda / Universidade de Santo Amaro

### **Maria Luize Bortolini**

Pesquisa particular

### **Mário Mesquita**

Pesquisa particular

### **Mário Rogério Sevilio de Oliveira**

Músico / UNIBES

### **Marisa Rozman**

Pesquisa particular

### **Martine Birnbaum**

Coordenadora editorial da Revista 18 do

Centro da Cultura Judaica

### **Maurício Ianês**

Artista plástico / Centro da Cultura Judaica

### **Miriam Benzecry**

Pesquisa particular

### **Mônica Médici**

Pesquisadora / Twins Bushatsky

**Odilon Niskier**

Pesquisa particular

**Paulo Braz**

Genealogia

**Paulo Corrêa**

Historiador / UNIFESP

**Porcina Barreto Frota**

Genealogia

**Reginaldo Garavatti**

Genealogia

**Rossane Herbele**

Graduanda de História / Faculdade Porto Alegre-RG

**Sônia Goussinsky**

Doutoranda / Centro de Estudos Judaicos FFLCH-USP

**Tamiris da Cunha Resende**

Professora de História/ Resende-RJ

**Vanessa Ribeiro Sterk**

Graduanda de História / Universidade Nove de Julho

**Wilson Roberto Rodrigues da Silva**

Fotógrafo / Instituto Cultural Oswald de Andrade

## IMAGENS VENDIDAS OU CEDIDAS

**Beatriz de Souza Rosa**

Imagens do Sanatório da EZRA para artigo de jornal

**Bernardo Lerer**

Imagens para livro institucional

**Benjamin Seroussi**

Referências imagéticas para ilustração sobre o Bom Retiro

Imagens para recriação da Cia da Foto na exposição  
no Centro da Cultura Judaica

**Edith Gross Hojda**

Imagens para palestra na Biblioteca Mário de Andrade

**Eduardo Verderame**

Imagens do Bom Retiro para exposição no Instituto Cultural  
Oswald de Andrade

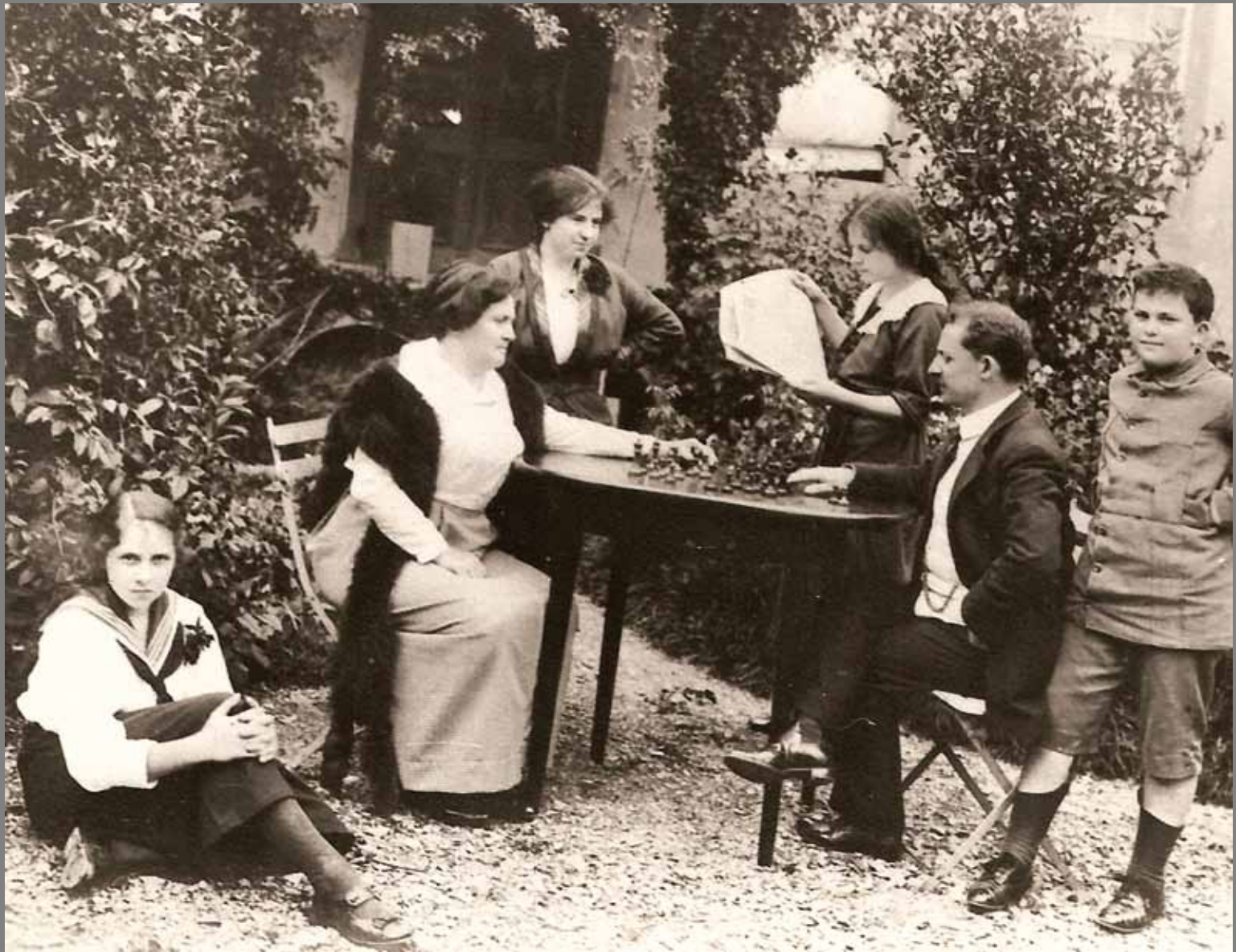
**Jeffrey Lesser**

Imagens para livro publicado pela Cambridge University  
Press

**Martine Birnbaum**

Imagens para Revista 18 do Centro da Cultura Judaica





APOIO

